

Excertos do livro
Por que amo Maria

Tratado substancial e completo dos principais motivos de devoção para com a Virgem Maria segundo os Santos Padres, os Doutores e os Santos
pelo Pe. Júlio Maria, missionário de Nossa Senhora do SS. Sacramento
Livro de 1945



A BELEZA DE MARIA.

Introdução

Importa considerarmos atentamente este grande e irresistível motivo de amor a doce e Imaculada Virgem Mãe, porque nela se encontram como que acumuladas todas as belezas da alma, do coração, do espírito e do corpo – “*facie pulcherrima, mente integerrima et spiritu sanctissima*”, diz S. Boaventura.

(*Speculum B. Virginis*)

De fato, Maria Santíssima, a mais santa das criaturas, é também a mais bela, em razão da identidade do Bem e do Belo.

Mas, como falar desta beleza, que é mais do céu que da terra?... Assunto bem difícil, mas que, entretanto, precisamos tratar.

E, em frente a tais assuntos, lamentamo-nos, devido à impotência da palavra humana, incapaz de exprimir as nossas concepções mais puras e mais entusiásticas.

“A arte não é feita para tí; tu não tens necessidade dela”. A beleza da Virgem é uma poesia, mas quanto ela difere da poesia humana!...

Tirai a esta última a sua forma, e, às mais das vezes, nada lhe fica.

Ao contrário, Maria é bela no interior – bela na alma, que irradia de graças e de virtudes; bela no coração, onde cintila o amor mais puro e mais ardente; bela no espírito, que se eleva nos mais variados e mais sublimes conhecimentos; bela, enfim, no corpo, que reunia em si, como diz Gerson, todos os encantos disseminados nas demais criaturas, em tão elevado grau, que, depois do Filho de Deus, nada se pode imaginar de mais perfeito.

Para termos uma idéia completa sobre essa inefável beleza, é preciso considerar separadamente:

1. **A BELEZA DA ALMA DE MARIA**, ou a graça acumulada, crescente, exuberante que a embeleza e a torna o objeto das complacências divinas.

- I – O ideal
- II – Maria, bela em Sua Conceição
- III- O crescimento contínuo
- IV- *Quae est ista?*...
- V – Maria, resplandecente de glória!
- VI – Maria, radiante de virtudes
- VII – Deus, enamorado da beleza de Maria

2. **A BELEZA DO CORAÇÃO DE MARIA**, ou o amor sem igual de que Ela está abrasada para com Deus e para com os homens.

- I – A obra-prima do amor
- II – O amor de Deus
- III – As causas deste amor
- IV – O amor supremo
- V – O amor dos homens
- VI – O amor da mãe
- VII – Os princípios deste amor
- VIII – Os caracteres do amor de Maria para conosco

3. **A BELEZA DO ESPÍRITO DE MARIA**, ou os conhecimentos variados e múltiplos da Virgem... irradiação exterior das belezas da alma, do coração e do espírito, através do corpo mais belo e mais puro que jamais houve, depois da humanidade santa do Salvador.

- I – O espírito de Maria
- II – Os conhecimentos de Maria
- III – A chave dos corações
- IV – O retrato de Maria
- V – O esboço de Maria pelos santos padres
- VI – Ela era muito bela
- VII – O sorriso de Maria
- VIII - Conclusão

A BELEZA DA ALMA DE MARIA

I - O IDEAL

A verdadeira beleza reside na alma. Só e isolada da beleza interior, a beleza visível é excessivamente vã, frágil e mesmo perigosa, desde o pecado, para ser digna de atrair os olhos criados para contemplar a Deus.

Há coisa melhor que a beleza física do semblante, pois há uma beleza moral, um esplendor das almas. Desde que o pecado perverteu o gosto do homem - ó coisa lamentável! - a beleza unicamente exterior não é mais que um atrativo da volúpia e uma fonte de desordens.

O mundo não sabe mais elevar-se acima do que o adula, para se elevar até ao Autor de toda beleza, e é nisto que consiste a sua miséria, sua dolorosa degeneração.

É por isso que se deviam antepor aos seus olhos, mais vezes e com mais instância, visões feitas de luz, de heroísmo e de pureza.

Da visão ao amor há apenas um passo, e o amor dirigido para o ideal divino, para a beleza moral, é o começo da regeneração e da santidade. O ideal da beleza absoluta só existe em Deus, pois só nEle se encontram, em todo o Seu esplendor, o "Verdadeiro" e "Bom", que, sem ser a essência do "Belo", são, entretanto, duas partes constitutivas, de tal modo que sem "Verdade" e sem "Bondade" a beleza não pode existir.

Difícil seria dizer precisamente em que consiste a beleza.

É uma certa relação, uma graça, uma harmonia de natureza, um não sei que, que todo mundo conhece e que se não pode ver sem amar.

O céu é a pátria do "Belo". - É sua morada, e aí pode o homem contemplá-lo a descoberto... ofuscar-se à Sua visão... lançar-se nEle... e dEle viver!...

Aqui na terra não possuímos mais que uma débil irradiação desta inefável beleza nas criaturas. Mas Deus não se contentou com isso. Querendo fazer-nos entrever este Belo infinito e essencial, que a alma nem sequer tinha suspeitado, abriu-se o céu por um instante para encantar o mundo com o seu ideal.

E era esta manifestação divina que fazia brotar do peito do imortal gênio de Hipona, Santo Agostinho, este brado de saudade e de deslumbramento: "*Ó beleza sempre antiga e sempre nova, quão tarde eu te conheci, quão tarde eu te amei!*"

"*O belo essencial, disse Lamennais, é Cristo, em quem o ideal existe em seu mais alto grau. O Criador e a criação nEle são ao mesmo tempo distintos e inseparáveis - Aquele incorporado em Sua obra, esta espiritualizada em seu exemplar eterno. É o Belo completo, o Belo em suas relações com o Verdadeiro e com o Bom.*" (Esboço duma filosofia, III, p. 130)

Daí provém os dois caracteres distintos do Belo, cuja idéia não era conhecida pela antiguidade: - o infinito e o amor.

O Cristo é o infinito em perfeição. - Ele é o amor. É Deus sensível ao coração... - Deus amado como Homem, com o infinito de Deus. Mas como desceu esta beleza infinita até nós?

- É a grande pergunta que se deve fazer depois de cada um dos mistérios com que aprouve ao céu cercar-nos. Como?... - Por Maria: - "*Mariae de qua natus est Christus*".

Este belo é uma flor, e Maria é a sua haste! É Ela que O recebeu, tal qual Ele é em si mesmo, nesta beleza essencial e incriada que extasia os anjos e o próprio Deus, que reluz através de todas as maravilhas da natureza.

Maria tornou-se, como diz São Tomás, "*A arca do Ideal*".

Por isso mesmo, dia o autor da "*Virgem Maria*", Maria é a obra prima deste Belo que se reproduziu nEla. Porque como Ele veio para se reproduzir nas almas, pela virtude sobrenatural de Sua graça, inerente à Sua encarnação, a primeira alma que Ele havia embelezado é a da Virgem, em que Ele se fez carne.

Eis por que, antes mesmo de descer nEla, preveniu-A com Suas graças, preservou-A com a arte de um Deus e todo o amor de um Filho, como o Seu tabernáculo, com a substância de que Ele mesmo queria ser feito.

Ela era desde então "cheia de graça".

E qual não devia ser Sua beleza, para que a natureza angélica se inclinasse diante dEla, e que o próprio Deus, na admiração de Sua obra, exclamasse, à Sua vista:

"Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te!" - Sois toda bela, ó minha amiga, e mácula alguma há em Vós!"

Já que chamamos Maria de "Santidade criada", podemos também chamá-IA, a beleza criada, isto é, a beleza por excelência entre todas as belezas criadas, desde a flor dos campos até ao serafim, não sendo sobrepujada senão pelo belo infinito e criador, que foi aqui na terra o fruto da virgindade, e que, saindo dEla, deixou-Lhe Sua forma de todas as belezas que Ele semeou em todo o universo.

Mas em que consistia esta beleza de Maria?...

"Consistia, diz o P. Binet, numa espécie de combate da natureza e da graça que entre si rivalizaram em enriquecê-IA e orná-IA de seus mais belos adornos".

"Afirmamos audaciosamente, diz Santo Alberto Magno, que a Virgem ultrapassou em graça e em beleza a todas as mulheres, pois possuiu em supremo grau a perfeição de que foi capaz um corpo mortal e que a natureza nada podia fazer de mais excelente".

(*Quaest. sup. missus est*, 15, 3)

"Convinha, e este é o pensamento de Dionísio o Cartucho, que o Filho de Deus e a Mãe de Deus fossem dotados, no mais eminente grau, de todas as perfeições da natureza e da graça: - o Filho, por causa de Sua união hipostática à divindade; a Mãe, por causa da união com Deus, a mais estreita depois da que é própria ao Seu divino Filho".

(*De laud. excell. B. Virg.*, T. I, lib. 6, C. 9, n.18)

A beleza exerce sobre os homens um império soberano. Longe, aqui, as belezas profanas! Trata-se da beleza da alma, cujo irradiação sobre uma fronte humana desanima o artista, maravilha os próprios anjos.

Maria é a criatura que mais se aproxima da beleza de Deus e que dEle trouxe o reflexo mais puro. Convinha que a Mãe do nosso Pontífice fosse como Ele *"santa, inocente, imaculada, separada dos pecadores e mais elevada que os céus"*.

Era necessário ao novo Adão, como o fora ao primeiro, *"uma auxiliar semelhante a si mesmo"*. Era necessária a plenitude de vida, de vida natural e de vida sobrenatural; era necessária a beleza encantadora! Como outrora, após Jesus, *"todo mundo vai após Ela"*.

Beleza radiante! - Ela embeleza a religião e a Igreja.

No *Credo* Seu nome esparge como que um sorriso sobre os demais dogmas.

Seu exemplo, Sua ação nas almas faz florescer na Igreja as mais belas e heróicas virtudes.

Sem Ela a Igreja seria "como um ano sem o mês de maio".

É da alma, sobretudo, que vem a beleza. E é a graça que dá à alma seu aparato e seu brilho, de tal modo que as almas mais favorecidas da graça divina são, por isso mesmo, as mais belas.

Sigamos um instante esta maravilha da graça em Sua Conceição e em Seu contínuo crescimento - crescimento da graça, da glória e das virtudes.

Tantos abismos insondáveis, sem dúvida, mas cuja vista, não poderá senão deslumbrar nossos corações.

Ó Maria, aqui na terra o homem vai empós da beleza, para dar-lhe seu coração e suas afeições, deixa-se ofuscar por um pequeno raio, por uma sombra que passa! Por que não se apegaria ele ao contemplar-Vos... como o seu coração se dilatava a este espetáculo, como se encheria deste amor puro, ardente, forte como a morte, que Vossa beleza faz nascer em todos aqueles que A contemplam!...

II - MARIA, BELA EM SUA CONCEIÇÃO

Maria é, pois, bela!... Bela com todas as belezas de Seu Filho, bela pela plenitude de graça que nEla reside. De Fato, é a graça santificante que dá à alma o seu valor real, sua graça, para agradar a Deus e ser por Ele amada; é a veste nupcial que a torna digna de assentar-se ao banquete do Cordeiro, e sem a qual não é permitido entrar na sala do festim.

Uma alma em estado de graça é tão bela, que é impossível a Deus não amá-la; possui direitos tão ingentes, que é impossível a Deus não se dar todo a ela.

Para compreender a beleza da alma de Maria, seria, pois, necessário fazer-se uma idéia das graças que Lhe foram outorgadas, pois a beleza aumenta à medida que aumenta a graça.

Ora, quem poderia imaginar as graças concedidas Àquela que era "cheia de graça", e isto já desde a Sua Conceição imaculada, sem por isso estar na incapacidade de aumentar, de crescer ainda este tesouro, pois a Virgem deve não somente ser cheia de graças, mas tê-las em superabundância, para que possamos receber de Sua plenitude.

Vejamo-IA primeiramente em Sua Conceição imaculada. Como desde já esta plenitude se irradia!...

Esta beleza da imaculada Conceição é tanta, que nem mesmo é necessário começar a descrevê-la. Antes de elevarmos os olhos para este fascinante esplendor, mais fácil seria inclinarmo-nos sobre o abismo de misérias, a que nos relegou a queda original, e fazermos assim, por contraste, uma longínqua idéia da alma virginal de Maria. Falemos apenas uma única palavra de nossas chagas íntimas.

A primeira chaga é a perda de toda justiça: - da graça santificante, virtudes infusas, equilíbrio das potências de nossa alma, subordinação do corpo ao espírito, direito a uma proteção especial de Deus. Todos estes dons nos foram retirados, e Maria, ao contrário, foi enriquecida de todos estes bens, desde ao Seu primeiro instante.

"Cheia de graça", nEla circula a vida divina.
É uma beleza, uma riqueza, uma luz, uma força.
É a paz, a ordem, a harmonia.

A inteligência vê claramente, a vontade governa, e Deus vela sobre a Sua obra com um cuidado invejoso.

Nós não somos apenas despojados, somos manchados.
Não somente somos deformados, somos positivamente culpados.
Carregamos o peso da inimizade divina.

E Maria é toda bela, toda pura, toda agradável.

Ela inflama de amor o Coração de Deus, e Ele não se sacia nunca de contemplar a primeira e única criatura, sobre a qual Ele pode baixar os olhos com complacência. E Ele também não contém a Sua alegria por encontrar, enfim, sobre quem expandir a Sua ternura.

Chama-A Sua única, Sua amada, Sua pomba, Sua irmã, Sua esposa.

Maria é a "Bendita", a "Bem-aventurada", Aquela a quem estão reservadas todas as honras possíveis e todas as beatitudes imagináveis...

O batismo restitui-nos a graça, apaga a nossa culpa e remite a nossa pena.

Como é bela a alma batizada!...

Ei-la: - é perfeita, radiante, estabelecida em sua integridade esplêndida, à semelhança da alma de Maria!...

Teria a nossa pureza reconquistada o mesmo valor que a pureza original de Maria?...Oh! não... E bem o sentimos nós desde o despertar de nossas faculdades e desde o primeiro vôo que a nossa alma quer tomar. Ela foi perdoada, reavivada, mas suas asas ficaram amortecidas e suas faculdades feridas.

Um véu de ignorância se estende sobre o nosso espírito, um mundo de malícia pesa sobre nossa vontade, um foco de concupiscência se aninha bem no fundo de nosso coração e uma fraqueza mórbida anemiza todo o nosso ser.

E, mais ainda, este langor paralisa a vontade. Estas concupiscências todas sobem como nevoeiros diante dos olhos já enfraquecidos da nossa inteligência. Não possuímos mais a noção justa das coisas, deixamo-nos fascinar pelos falsos bens, e somos curiosos, frívolos, perturbadores, inconstantes.

Talvez isto ainda não é mais que o defeito; brevemente, porém, será o pecado.

Apenas criada, a alma inteiramente límpida da Virgem Imaculada, vibrante de sentido, de força e de amor divino, conhece Seu bem supremo, voa até Ele, prendendo-se-Lhe irrevogavelmente.

A candura da luz eterna se reflete neste espelho sem mácula. As claridades de Deus são as Suas, e Sua é também a vontade de Deus.

Todas as Suas potências, todas as Suas tendências se dirigem para Ele. Não experimenta, nem pode experimentar o atrativo, não digo de um mal qualquer, mas nem do menor bem, nem doutro bem a não ser Ele.

Tão impossível Lhe é escolher a imperfeição, como é às almas beatificadas dos eleitos cometer o pecado. Entretanto, Ela guarda ainda o mérito da liberdade. Nela tudo é impulso irresistível para Deus, mas é um impulso querido, refletido, meritório!...

E tamanha perfeição e pureza, que fizeram de Maria, desde o primeiro instante de Sua Conceição, a Rainha de todas as santidades angélicas e humanas, nEla não é mais que um ponto de partida, um germe, um começo.

Ela irá crescendo de beleza em beleza, de virtude em virtude, até à hora em que Sua alma, envolta num suspiro de amor, alcançar a mais alta perfeição que possa realizar uma simples criatura.

A faísca que se propaga na floresta, torna-se um oceano de chamas; a imaculada Conceição, irradiando sobre a vida de Maria, lança sobre Ela um resplendor diante do qual empalidecem todas as purezas criadas.

Oh! devem cantar as glórias e as belezas da Virgem sem mácula os anjos, únicas testemunhas deste inefável mistério!...

Se os ouvidos do homem estivessem tão atentos e Lhe tivesse Deus concedido ouvir seus cânticos e suas aclamações, teriam experimentado alguns destes acentos que mais tarde deveriam ouvir os santos e os doutores, teriam recolhido em seu espírito e em seu coração graciosas imagens.

Ouçamos um pouco os ecos chegados até nós.

Uns diziam: "*O doce Sol de misericórdia não poderia tardar a aparecer. Eis a Sua obra, dEle recebendo os Seus raios, projetando-os ao céu e sobre a terra, e expelindo as sombras da noite*". - *Maria aurora praenuntia Dei*. (S. Bern.)

Continuaram outros: "*Salve, ó belo arco-íris, Vós és para a terra o sorriso de um Deus prestes a apaziguar-Se; anuncias o fim dos trovões, das tempestades e das ameaças*". - *Maria iris mystica*. (Alegrin d'Abville)

E outros, enfim: "*Corre, ó graciosa nave! Por Vós o Verbo divino sulcará as ondas do mar lodoso do mundo, estenderá a mão aos infelizes que naufragaram, e reconduzi-los-á todos ao porto*". - *Maria navicula Domini*.(Adam des Iles)

Santo Ildelfonso chama-A: "*Terra nova, novo Éden, plantado pela mão de Deus, no qual Deus tornará a conversar com o homem. Campo florido, odorífero, fecundo, no qual germinará uma flor da eternidade*". - *Maria campus floris aeterni*. (S.Ildefonso)

E ainda Hugo de S. Vítor: "*Raiz viva! Floresta verdejante! Haste cheia de nobreza! e gloriosa, cuja flor será Deus*". - *Maria radiz vitae florens; Virga, cujus flos Christus*. (Hugo de São Vítor)

Santo Antoninho pôde escrever: "*Até então se haviam as vozes da humanidade perdido nos ecos do mundo. Nenhuma tivera o poder de penetrar as nuvens. Eis a grande, a poderosa voz, cujos sons chegaram ao céu*". - *Maria vox clamantis in caelum*. (S. Antonino)

E um outro panegirista de Maria assim se expressa:

"*Sua perfeição, diz ele, força atrativa e irresistível triunfará de qualquer obstáculo. Como um magnete precioso, Ela atingirá até ao Verbo divino em Sua eternidade, e atraí-LO-á para o tempo*". - *Maria magnes spiritualis*. (Adam de Perseigne)

"*Eleva-te, exclama Santo Anselmo, ó maravilhosa escada, que deve unir o céu e a terra, escada sagrada, pela qual, enfim, Deus descerá até ao homem, e o homem subirá até Deus*". - *Maria scala, Dei descendetis et homini ascendentis*. (Sto. Anselmo de Luca).

E Ricardo de São Vítor:

"*Eis preparada a morada hospitaleira do Verbo eterno feito peregrino no tempo. Eis o leito de honra, sobre o qual repousará a Sua adorável humanidade, o trono vivo sobre o qual Se assentará para inaugurar o Seu reino, o altar sagrado sobre o qual começará a Sua vida e o Seu holocausto*". - *Maria diversorium Dei peregrinantis* (Ricardo de São Vítor).*Maria thalamus humanitatis Christi* (São Cripiano). *Maria altare terrenum* (Pedro de Celles).

Aclamando-A, diz o grande bispo de Hipona: "*Primeiro e magnífico esboço do Cristo Redentor! Em Sua alma e em Seu corpo, em Suas aspirações e em Suas virtudes, Ela é como que um Jesus começado. Ela é o molde admirável, em que serão fundidas, indissoluvelmente unidas, reduzidas à unidade de uma só pessoa, a humanidade e a divindade do Verbo*". - *Maria forma Dei*. (S. Agost. Sermão da Assunção)

Enfim, outros exclamam: "*Em Maria imaculda reconhecamos o penhor das antigas promessas, o sinal da alegria univerval, o grande aleluia dos corações fiéis*". - *Maria pignus promissionis* (Absalon de Trèves). *Maria Alleluia fidelium* (Sto. Anselmo de Cantuária)

Eis o que teria percebido o ouvido atento. Mas não há apenas hinos de alegria para a terra; há sobretudo um tesouro!... Ter uma Virgem imaculada nas fileiras da família humana, este pensamento não excita somente a admiração, mas ainda um outro sentimento, que é a consolação.

Se Maria é toda bela e imaculada, não é apenas uma honra, que redunde sobre nós, mas é um tesouro em que nos podemos saciar.

Ela é o nosso tesouro de pureza, com a missão de enriquecer-nos.
Não é isto consolador?...

O nosso canto é o "Miserere"; o Seu é o "Magnificat"!!!

Cada túmulo diz à podridão e ao vermes: "*Vós sois minha mãe, sois minha irmã*" (Jó 17).
O túmulo da Virgem dirá às estrelas: "*Deixai passar a minha pomba*".

A Sua imaculada Conceição prepara a Sua assunção. E do alto do céu, compadecer-se-á Ela de nossas misérias e de nossos túmulos.

Oh! como este dogma da Conceição Imaculada inunda de indizíveis consolações a alma do crente!...

O pobre pecador pode dizer de si para si: Sou infeliz, iníquo, coberto de manchas, mas há ao menos em minha família uma criatura bela, que é a mesma pureza, e não só a pureza, mas até a caridade...

Uma dobra de Seu manto cobrirá a minha miséria diante do justo Juíz!...

Deste modo a prerrogativa da imaculada Conceição torna-se um como bem de família e um tesouro em que nos podemos enriquecer. É o que fazia dizer a S. Hugo Magno: "*Ó Maria, eu vos comparo a uma gota de orvalho que bastaria para purificar o mundo*".

III - O CRESCIMENTO CONTÍNUO

Para compreendermos bem a extensão e a intensidade deste crescimento, é preciso expor alguns princípios teológicos, que formarão a base deste admirável assunto. Reduzamo-los às quatro proposições seguintes:

Primeira proposição:

A inefável Mãe, teve, desde o primeiro instante de Sua Conceição, graças tão eminentes, que a menor delas era mais elevada do que a mais admirável graça do maior santo. A última pedra da cumeada do edifício de todos os santos não é mais que a pedra fundamental do templo da divindade, que é Maria.

Segunda proposição:

Tomamo-la emprestada de S. Bernardino de Sena: "*Maria só, diz ele, teve mais graças que todos os santos e todos os anjos, e estas graças ultrapassavam, em excelência como em número, as graças reunidas de todos os homens, porque Ela era a Mãe de Deus*".

Terceira proposição:

Sempre e até ao último suspiro de Sua vida, Maria correspondeu inteira e perfeitamente à graça, e Ela agia tão bem em toda a extensão de Suas faculdades e com tanta fidelidade, que Ela duplicava, a cada ação, as Suas virtudes e Seus méritos.

Quarta proposição:

É uma conseqüência das precedentes. Tendo Maria, Ela só, recebido do céu mais favores que todos os santos reunidos, segue-se que Ela era mais amada por Deus do que todas as demais criaturas.

Eis quatro princípios incontestáveis, que elevam a Virgem imaculada acima de tudo o que existe no céu e sobre a terra, e que nos explicam a Sua plenitude de graças.

Experimentemos, depois disto, calcular de que modo crescia sem cessar a nossa boa Mãe, em graças e em beleza, pois esta graça é como que uma luz divina que A envolve e faz d'Ela a "*Bem-aventurada, a privilegiada do Altíssimo...*"

E, entretanto, esta graça, já no estado da plenitude desde a Sua Conceição, não atinge os limites de Sua perfeição; devia crescer, dia a dia, até à anunciação, o que nenhum teólogo negou nem poderia negar.

Desde a encarnação do Filho de Deus em Seu seio, pretendem alguns, com Duns Escoto, que a graça da Virgem Mãe foi consumada em sua medida, não sendo mais susceptível de uma nova plenitude. Entretanto, Suárez, apoiando-se em São Tomás e, depois dele, em todos os teólogos, é de opinião contrária.

Mostram eles que a graça habitual de Maria cresceu até a Sua morte, pelos atos de virtudes que Ela exercia, e pelos sacramentos que recebia. Ela cresceu em prodigiosa proporção, e o último grau, a que Ela chegou, ultrapassou toda medida.

Vega e mais outros teólogos importantes da Santíssima Virgem julgaram que Jesus, por Sua vida de nove meses após a Sua encarnação, e depois por seu repouso em Seus braços, agia sem cessar sobre Ela "sacramentalmente", como age sobre nós a Eucaristia.

O P. Terrien adota a mesma opinião: "*O que Cristo opera nas almas dos fiéis, diz ele, dando-lhes a comer a Sua carne sob as espécies eucarísticas, deve tê-lo feito de um modo mil vezes mais eficaz, quando o corpo virginal de Sua Mãe e o Seu próprio corpo eram, num sentido incomparavelmente mais verdadeiro, um corpo único. E este corpo do Cristo permaneceu nove meses encerrado no seio de Maria perpétuamente no ato de uma amorosa ação de graças. Que comunhão e que frutos!*" (Maria, Mãe de Deus, t. II, p. 244)

Assim como a chama transforma em si tudo o que nela toca, o Verbo divino, pelo contato imediato e contínuo de Sua divindade, imprimiu de tal modo Sua perfeição em Sua Mãe Santíssima, que Ele A transformou toda em santidade, em amor e caridade.

De fato, como não se tornaria um fogo de amor Aquela que em si contém o Deus que se chama: "*Amor e fogo devorador*"?

Escutemos São Tomás de Vilanova: "*Das graças passemos agora às virtudes. Mas que podemos nós dizer a este respeito, se Deus favoreceu Maria Santíssima, tanto quanto o pode ser uma criatura?... Assim, pois como no dia da criação o Onnipotente tinha reunido no homem todas as magnificências da natureza, para fazer dele o rei do universo, Ele concentrou no coração da bem-aventurada Virgem todas as perfeições que brilham na santa Igreja e nos eleitos que estão no céu.*

As virtudes que louvamos em cada um deles em particular, honramo-las todas ao mesmo tempo em Maria. Nela admiramos a paciência de Jó, a mansidão de Moisés, a fé de Abraão, a castidade de José, o zelo de Elias. Nela brilham a pureza dos anjos, a força dos mártires, a piedade dos confessores, a ciência dos doutores, a mortificação dos anacoretas". (Sermo3 de Nat. B. Vir.)

E ajunta ainda o mesmo santo: "*Encontravam-se reunidos em Maria os sete dons do Espírito Santo, indicados pelo próprio Isaías (11,21) e os demais dons particulares concedidos para a utilidade do próximo, tais como os menciona o apóstolo das nações, na sua primeira epístola aos fiéis de Corinto*" (I Cor 12,7 ss).

"*Eis por que os santos padres costumam dizer que Maria é este palácio construído pela sabedoria divina, e sustentado por sete colunas, querendo deste modo significar os sete dons do Espírito Santo que, como pilares inquebráveis, serviam de apoio a esta morada inteiramente celestial.*" (Cfr.Prov. 9,1. S. Ildef. serm. 3 de Assumpt)

E quem dirá o número de atos de virtude que praticou Maria para pôr em prática estes tesouros da graça? Ele supera as areias do mar e as gotas de água do oceano!...

Não se passou sequer uma hora, nem um minuto, nem um segundo, quer durante o sono, quer durante o dia, sem que Ela não aumentasse os Seus méritos. Quanto aos méritos dos atos de virtude, depende sobretudo da perfeição substancial destes mesmos atos. Mais excelente é a virtude em seu objeto, mais meritório é o ato desta virtude.

Ora, foi tal a perfeição dos atos que a Virgem Mãe devia produzir, que nada se pode imaginar de mais perfeito.

Que resignação! Que força, que heroísmo precisava ter a alma de Maria para manter-se intrépida sob a aluvião de provações que sobre Ela se desencadeou, com uma persistência que só foi igualada pelo Seu amor a Jesus e o Seu desejo de Se assemelhar a Ele!

Depois que a espada Lhe atravessou a alma a primeira vez, na ocasião da predição de Simeão, até ao último suspiro de Seu divino Filho, quantas virtudes, que imenso e incessante heroísmo Ela devia praticar!

Disso falaremos, e basta-nos recordá-lo, para compreendermos a razão do crescimento contínuo que n'Ela teve a graça.

O aumento da santidade e dos méritos está ainda em relação com o fervor dos atos, com a caridade que os anima e a intenção e o desejo de agradar a Deus.

Deus, diz um piedoso autor (Petalot), olha menos o que nós fazemos do que o amor com que o fazemos; a caridade é o mais eminente dos dons celestes, a plenitude da lei e a perfeição da virtude. Daí conclui-se que todos os atos da bem-aventurada Virgem - embora tivessem eles sido substancialmente imperfeitos e indiferentes em si mesmos - teriam sido ainda dum valor quase incalculável por causa da caridade perfeita de que procediam.

Nenhuma ação exterior da Virgem, assim como nenhum dos Seus movimentos deixou de ser meritório e interior, pois Ela agia sempre com toda a força da graça, com o hábito da caridade; cooperava inteiramente aos socorros divinos, e retribuía a Deus, o quanto possível, amor por amor.

Além desta primeira e principal causa da graça sempre crescente em Maria, que os teólogos chamam - *ex opere operantis* - há ainda uma outra, que produz esta graça "*ex opere operato*".

E a santidade produzida deste modo multiplicou-se em Maria em três modos, como nos indica Suárez:

1. Pelo remédio empregado na lei antiga, contra o pecado original, e que conferiu a Maria um novo grau de graça.
2. Por gratificações divinas em certas circunstâncias, como na natividade de Nosso Senhor, em Sua morte, em Sua ressurreição, na descida do Espírito Santo, etc.
3. Pelos sacramentos da nova Lei, que Maria podia receber, tais como o batismo, a Eucaristia, a confirmação, e talvez, até a extrema-unção.

Pelo batismo, a Virgem, embora já inteiramente imaculada, recebeu o direito aos outros sacramentos.

Pela Eucaristia, que Ela recebia todos os dias, com o privilégio de conservar em Seu coração a sagrada hóstia de uma comunhão a outra. Não tendo ainda Nosso Senhor um tabernáculo, em que se conservasse o Seu corpo sagrado, e querendo Ele permanecer perpetuamente, sem interrupção, entre nós, fez do coração de Maria o Seu primeiro tabernáculo e o Seu primeiro cibório.

Pela confirmação, que a Imaculada recebeu no dia de Pentecostes, com os apóstolos. Embora essa confirmação não fosse ainda o sacramento propriamente dito, encerrava, entretanto, toda a virtude desse sacramento.

Pela extrema-unção, enfim, embora haja quem o contradiga. Entretanto, Santo Alberto Magno, Santo Antonino e Suárez sustentam que Ela a recebeu, porque a forma deste sacramento não supõe necessariamente que haja faltas, mas apaga aquelas que há e aumenta a graça quando não há faltas.

Ó Maria, crescendo Vós sem cessar em graça e em beleza sobrenatural, possa Vossa beleza sempre crescente deslumbrar os nossos corações, cativá-los e torná-los capazes de também crescerem incessantemente em graça e em amor!...

IV- QUAE EST ISTA?...

Que espetáculo não deverá ser no céu para os anjos, à vista desta criatura "cheia de graça" e aumentando ainda todos os dias esta plenitude inicial!...

No seio de Seu êxtase eterno, deviam eles interromper um instante os seus concertos, e inclinar-se para a terra, exclamando, alegres: "*Quae est ista?*"

Até então, toda criatura humana que entrava na existência era percebida pelos anjos como tendo a mancha original. Desta vez, porém, a criança que dorme neste berço parece subir do deserto; é única e isolada, e com respeito desviaram-se a carne e o sangue. A pequenina Imaculada é bem um deserto sobre o qual está o Infinito. Este berço apresenta aos anjos purezas, belezas e superioridades tais, que eles aspiram tê-la como Rainha. (L.Lemann)

"Quem é esta que se adianta como a aurora a despontar?" (Cant 6,9).

Desde o despertar do Seu espírito e de Seu coração, Maria põe em prática, sem que disso duvide a sua candura, a significação da palavra "alma", pela qual Isaías anunciou ao mundo "*uma virgem oculta, retirada, subtraída a todos os olhares*".

Com a idade de três anos, se devemos crer na tradição, os primeiros passos da imaculada criança conduzem-na para o altar do Senhor. Ela possui todas as graças da infância, todas as delicadezas da pureza, toda a irradiação do amor.

Sua alma virginal ilumina o Seu pequeno corpo santificado, os anéis de Seus cabelos louros cingem-lhe a fronte, como que de uma auréola de modéstia, e o Seu límpido olhar faz nascer a virtude e conduz a Deus.

É uma como aparição vinda do Céu; é a Virgem criancinha!

Sua alma se abre radiosa diante de Deus. As Suas pequenas mãos se estendem para o Santo dos santos, os Seus olhos fitam, iluminados, a eternidade. E os anjos cantam deslumbrados: *Quae est ista?*, quem é aquela que se adianta tão pura, tão santa e tão imaculada?...

E a Virgem criancinha cresce em graça e em beleza diante de Deus e diante dos homens. E Ela, que já parecia saturada dos eflúvios da divina graça, nela se sacia avidamente e se dilata, e aquela que Lhe foi abundantemente dada, ela ajunta o que pede, o que atrai e o que merece.

Para falar sem figuras, esta plenitude inicial de graças, com que o Céu a gratificou, enriqueceu-se de uma plenitude adquirida por Sua cooperação santa.

No templo, a tenra Virgem Se entrega às santas meditações, às leituras sagradas e aos exercícios piedosos. Ela Se dá à prece com uma avidez insaciável. Os seus pequenos braços não abandonam o trabalho, a obediência dirige os Seus passos, a humildade constitui a sua auréola, a pureza eleva-a ao ponto culminante do heroísmo, em enquanto doce e cândida, Ela faz a Deus o voto de virgindade, todas as virtudes vêm como que personificar-se nesta débil e doce criatura que Suas companheiras chamarão "a pequena Maria".

E, nas alturas, os anjos não contemplam simplesmente, mas admiram até. E à vista desta luz então mais aparente e mais viva, que brilha à sombra do santuário, eles cantam com maior alegria e maior júbilo: "*Quae est ista?* - quem é, pois, aquela que tem a beleza silenciosa e casta dos astros da noite? É Ela que era luz, e agora foco.

E a Virgem cresce sempre e Se torna cada vez mais "o que deve ser", transformando a graça, puro dom de Deus, em mérito, riqueza adquirida - Ela cresce.

A medida parece estar repleta, mas o coração da Virgem adolescente se dilata sempre, aumenta, sob a pressão das novas "plenitudes", que sucedem à plenitude inicial.

Por meio da fé, dos santos desejos, do amor e da prece, Ela voa até Deus, vai alcançá-Lo, Ela O toca!...

E os anjos, comovidos, cantam, extasiados: "*Quae est ista?* - Oh! quem é aquela que Se aproxima assim de Deus, que tanto é amada por Ele, e que O ama com um amor tão intenso, tão divino?...

O mistério realizou-se aqui na terra, e Deus engrandeceu de tal modo o coração de Maria, que Ela chega ao ponto supremo de santidade, e Se coloca em contato com Deus.

Deus Se precipita em Maria, diz Mons. Bolo (H. Bolo: Cheia de graça), pela simples lei da afinidade que rege o mundo sobrenatural, como o mundo natural. Sendo Maria Santíssima uma simples criatura, não pode ser divinizada, no sentido próprio da palavra, mas Deus substituiu a distância que Ela não podia transpor: - Ele se encarna.

Maria Santíssima não Se torna Deus em Deus, mas o Verbo Se faz carne em Sua carne.
Que plenitude! Que incompreensível grandeza! Ser Mãe do Verbo de quem o Eterno é o Pai!...

Os anjos, que contemplam sempre, velam a face com as suas asas...

Quae est ista?... Quem, pois, é Ela?... Eleita por Deus, Maria brilha entre os eleitos como aquele que os ilumina, resplandece como o sol!

Parará aí a Virgem?... Haverá uma altura mais elevada de graças do que aquela que causa vertigem aos anjos?... Será possível ultrapassar a grandeza e a beleza de visão de uma Virgem que possui, amamenta, aquece em Seus braços a Luz e o Salvador do mundo?

Impossível aos homens, impossível aos anjos, porém não o é para Deus. Querendo torná-IA ainda mais bela, dotando-A com toda a plenitude de beleza, Ele a fará subir um novo degrau da escada do infinito.

E, de fato, mesmo aqui neste mundo, a grandeza, a elevação, o poder, os encantos da alma, do coração e do espírito não são a última palavra de beleza... fica-lhe ainda a dor.

Escreveu a respeito um eminente poeta:

"Dir-se-ia que a vida não faz senão tocar de leve a superfície da alma daqueles que não sofrem, disse Mons. Bougaud (O cristianismo e os tempos presentes), seus sentimentos são sem intensidade, o seu coração não tem ternuras, o seu espírito não possui um horizonte! Sobre a dor são graduadas a beleza e a grandeza das almas".

E esta auréola vem juntar-se às demais auréolas que iluminam a fronte virginal de Maria.

Mas, meu Deus, será possível?... Fazer sofrer esta criatura amante, pura, ornada de todas as graças e de todas as ternuras de Vosso coração?... Magoar esta alma cândida de que sois a única aspiração, calçar este coração amante que não suspira senão por Vós?

Oh! quem, entre os homens, teria a barbaridade de fazer sofrer esta Virgem?... Quem?... Entretanto, é preciso, porque a dor é o píncaro da beleza moral!...

E no alto dos céus, os anjos, mais e mais maravilhados, entoam ainda o seu "*Quae est ista?*" - Quem será esta jovem aflita, absorvida, mergulhada num abismo de dores, às quais não se assemelha nenhuma outra dor?

Sim, a Virgem "cheia de graça" é também "cheia de dores" subiu ao Calvário, e aí, de pé, sob a alude esmagadora de Seu Filho, que todos abandonaram, e com Ele em espírito sobre o patíbulo da Cruz, Ela ajunta à plenitude de Sua beleza a plenitude do heroísmo.

Ela se torna então a Mãe da dor, a Mãe aflita, a Rainha dos mártires!...

E os anjos, em sua admiração, recomeçam, jubilosos: "*Quae est ista?...Quem é esta mulher forte, feita de amor, de beleza e de heroísmo?...*"

"Ela é terrível como um exército em ordem de batalha" (Cant. 6,9).

Tudo isto é sublime, inenarrável, divino!

Até aqui, diz Mons. Bolo, a Virgem, vítima, teve ainda o Seu Jesus junto a Si, para fortificá-IA e encorajá-IA pelo exemplo e pela palavra.

O Seu coração se inflamava ao contato de Seu Filho e Seu Deus.

Sua alma se dilatava, desejosa de sofrimento e de martírio, ao contato da alma do Salvador.

Deus, porém, vai pedir-Lhe um sacrifício supremo: - o de sobreviver ao Seu Jesus, durante mais de vinte anos, sozinha, desamparada, sem o apoio d'Aquele que era tudo para Ela. Que sacrifício!...

E a pobre Mãe dolente viu estenderem-se ainda as trevas de Seu longo luto, após a luz tão resplandecente da Sua união a Jesus. A santa e virginal Mártir ficará na terra meditando sem cessar os sofrimentos de Seu amado Filho, visitando lacrimosa os lugares das torturas, beijando e cobrindo de ternura tudo o que Jesus tocara e santificara na terra.

Ela ficará assim durante mais de vinte anos, carregando o horrível fardo da lembrança dos sofrimentos de Jesus.

Que martírio! se sob um tão grande peso - o peso esmagador de tantas lembranças, Sua energia, longe de desfalecer, cresce ainda mais, se o Seu coração amante, em vez de se esgotar, se torna mais largo e mais profundo em Seu amor, durante esta longa ausência do Bem-Amado, não será isso uma nova plenitude, acrescentada às demais?...

Eis por que Maria espera na terra, continuando o Seu misterioso crescimento. E isto, até à hora em que a graça, pela sua abundância, rompe o vaso abalastrino de Sua carne, que já não podia conter tanto perfume, em que Ela voa em corpo e alma para a morada da plenitude absoluta da graça, por não poder a terra ficar em posse de um tesouro demais ideal, de que só o céu é digno.

E os anjos exultam, emociona-se o paraíso, vão eles, enfim, possuir em Jesus e Maria o ideal da beleza criada. A multidão celeste vai ter Sua Rainha e vai fazer-Lhe as honras do triunfo, de cuja demora já estão impacientes.

E embora saibam desde muito tempo o Seu nome, eles cantam: "*Quae est ista? - Quem é esta que sobe do deserto deste mundo como uma leve coluna de fumo, composta de aroma de mirra, de incenso e de toda espécie de aromas?...*" (Cant. 3,6).

O triunfo é completo. A beleza da Virgem está concluída e atingiu a Sua plenitude. Ela reina lá nos Céus à direita de seu Filho, radiante de todas as graças, com a fronte cingida de todas as glórias, resplandecendo de todas as belezas.

E Ela se nos mostra a nós, que somos Seus filhos, para ser amada!...

E quem não A amaria?... Corremos ao encaço da beleza para dar-lhe o nosso coração, e atingindo o nosso ideal, inebriamo-nos ao Seu aspecto!...

Elevemos os olhos, fitemos Maria, bela com todos os encantos! Ela deslumbrou o coração de Deus, dos anjos, dos santos e não deslumbraria o nosso coração?... Ó Maria! "*Specie tua et pulchritudine tua, prospere procede et regna*", por Vossa beleza e Vossas graças, apoderai-Vos dos nossos corações e reinai sobre nós!

V - MARIA, RESPLANDECENTE DE GLÓRIA!

Depois deste crescimento maravilhoso veio o fim, a coroação. Quem poderia avaliar a santidade da Mãe de Deus, no último instante de sua vida?...

Só Deus o sabe, porque somente Ele pode medir este abismo imensurável.

Os teólogos dizem que, tendo morrido em um êxtase de amor divino, com um tal ardor, sob a ação extraordinária do Espírito Santo, aconteceu que, por mais altos que tivessem sido os graus de graça que tivera antes de Seu último suspiro, Ela duplicou o valor por Seu último ato, dizendo o último adeus a esta vida.

A graça de que Maria foi enriquecida é proporcionada a quatro cousas incompreensíveis:

1. A dignidade de Mãe de Deus, infinita em seu gênero.
2. O amor com que Deus amou a Sua Mãe era o amor mais intenso que jamais tenha existido, depois do amor das três pessoas divinas entre si.
3. O poder de Deus que, de certo modo, esgotou os seus tesouros na santificação de Maria, deu-Lhe tudo o que era razoável dar a uma criatura.
4. Enfim, o mérito desta grande Rainha, não só igualado, mas muitas vezes ultrapassado por uma superabundância dos dons de Deus.

Daí, se compararmos a graça de Maria com a graça de um homem, a de um anjo, e mesmo a de todos os homens e de todos os anjos juntos, teremos uma espécie de infinito entre os dois termos da comparação.

As provas são supérfluas após o que dissemos a respeito da primeira graça dada à Virgem em Sua Conceição. Pode-se, pois, dizer que "*a glória de Maria supera a glória de todos os anjos e de todos os santos juntamente, porque os Seus méritos estão acima dos méritos de todos os bem-aventurados*".

Estas são as palavras de São Pedro Damiano (De Assumpt. B. Virg.)

Sim, é aos seus méritos incomparáveis que Maria deve esta exaltação sem igual. Como Mãe de Deus, é verdade, Ela tem direito à coroa real: o Filho de Maria não podia deixar de conhecer os méritos de Sua Mãe; mas as pedras preciosas que ornaram o Seu diadema e o Seu manto real, Ela as adquiriu por Seu zelo inimitável no serviço de Deus.

"*Assim como as Suas obras foram as mais perfeitas de todas, diz Santo Ildefonso, não é possível conceber a recompensa e a glória que Ela mereceu*". (Sermo 2 de Assumpt.)

"E se está fora de dúvida que Deus recompensa segundo o mérito, como no-lo declarou o apóstolo (Rom. 2,6), igualmente, diz Santo Tomás, a bem-aventurada Virgem, cujo mérito excede o de todos os homens e o de todos os anjos deve ter sido exaltada acima de todas as ordens celestes". (De sanct.)

"Em uma palavra, diz S.Bernardo, calculai as graças singulares que Ela recebeu na terra, e tereis a medida da glória que Ela goza no céu". (Sermo 1 et 2 de Assumpt.)

"Se o Salvador promete aos Seus apóstolos um trono magnífico no Céu, por O terem seguido (Mt. 19,28), e reserva uma grande recompensa à fidelidade no cumprimento dos seus menores deveres (Mt. 25,23), que testemunho de honra não dará Ele diante de toda a corte celestial à Sua Mãe, sempre fiel e tão constante?... Que trono não será por Ele ereto para esta Mãe amante que O seguiu e dEla tão ternamente cuidou aqui na terra, não O abandonou nunca, nem sequer no tempo de Sua morte, quando a ignomínia de Jesus recaía sobre Ela, que lhe dera a vida?..." (Jamar, op.cit.)

Com que entusiasmo e transportes não deviam os anjos honrar aquela que o próprio Deus honra de um modo tão inefável?...

E com que acentos não se unirá a Igreja da terra aos louvores dos anjos e da Igreja triunfante, para cantar a glória daquele a quem Deus revestiu de certo modo com a Sua própria glória?...

Inauditas são também as Suas homenagens, só excedidas por aquelas que reivindica para Si a infinita majestade do Altíssimo.

"Os bem-aventurados louvam a Deus em Maria, diz Dionísio, o cartucho, e louvam Maria Santíssima em Deus, que com tanto amor e munificência trata esta augusta Rainha". (De laud. B. Virg., lib. 4. c. 15)

O profeta-rei anunciava os gloriosos destinos da bem-aventurada Virgem, mil anos antes que lhe fosse dado ver eles se realizarem.

"A Rainha, diz ele, está à Vossa dextra, engalanada com manto de ouro, com variedade de adornos... Mas o principal ornamento da Filha do Rei vem, sobretudo de Sua beleza. Longas filas de virgens formam o Seu cortejo. É em nome dEla que serão apresentadas ao Senhor, e elas se dirigem ao Eterno, em transportes de alegria. Ó Rainha, possuireis uma posteridade inumerável... Vossos filhos serão os príncipes da terra e lembrar-se-ão de Vós em todas as gerações e os povos publicarão eternamente os Vossos louvores".

Oh! sim, nós também, sobretudo nós, ó terna Mãe, associar-nos-emos aos coros angélicos para proclamar-Vos, Vós, resplandecente de glória, como éreis resplandecente de graças, pois a glória é o aperfeiçoamento da graça!

Fazei que um dia nos envolva junto a vós um raio dessa glória, para completar e coroar o amor que Vos dedicamos desde agora, e que vos queríamos sempre dedicar.

VI – MARIA RADIANTE DE VIRTUDES

***"Assim como o sol eclipsa todos os astros noturnos,
pelos seus raios ofuscantes, diz São Boaventura,
Maria ultrapassa a todos os demais eleitos em graça e em virtudes".***

Teremos nós dito tudo o que diz respeito à beleza da alma de Maria?

Em substância, sim, já dissemos tudo. Em seus pormenores, porém, a graça, para ser coroada de glória, deve transformar-se aqui na terra em virtudes, como a água, para tornar-se nuvem, deve passar pelo estado de vapor, assim como a árvore ou a planta, para produzir a semente, deve primeiramente cobrir-se de abundantes flores.

"*Maria*", *cheia de graça*", não é, pois, "*cheia de glória*", senão porque é também "*cheia de virtudes*". Graça, virtude e glória são, de fato, as três etapas da felicidade eterna.

É que a graça não é uma coisa morta, mas uma luz, um impulso, um anelo, que afasta a substância de nossa alma, obriga-a a agir, a impele para fora de si mesma e a eleva para Deus.

A graça faz tudo isso!

E o que não teria feito esta plenitude de graças em Maria?...

Quantas virtudes heróicas e doces não A teriam impelido!...

Maria é bela, toda bela, porque a incomensurável grandeza que A elevou a Deus, se baseia nas graças mais raras. Com a graça a grandeza é mais característica; com a grandeza a graça é mais graciosa.

A beleza incomparável das montanhas, com as frondes altivas, flancos convulsos, os cimos embranquecidos de neve, reside neste eterno contraste da grandeza que se eleva e tudo afronta, assim como a beleza das graças se compõe de condescendências e fraquezas aparentes, que sobre seus flancos se lançam, assim como a seus pés, e sobre os cimos.

As orlas destes fantásticos rochedos se cobrem de musgos floridos, de pequenas e verdejantes violetas, que são como um sorriso, uma graça florescente, e dão à grandeza esta beleza que atrai, suaviza e encanta.

Assim Maria, tão real, tão elevada, tão divina, era doce, humilde, de virginal modéstia, repleta de ternura, de amor, transbordante de todas as virtudes.

Para compreender o número, a extensão e a intensidade das virtudes praticadas pela Virgem santa, seria, pois, necessário compreender o número, a extensão e a intensidade das graças que Lhe foram concedidas.

Experimentemos já formar uma imagem a Seu respeito. Escutemos Santo Antonino resumi-la em quatro palavras:

"Em primeiro lugar Ela possui todas as graças gerais e especiais de todos os santos, em um grau supremo. Em segundo lugar, Ela teve graças que jamais foram concedidas a natureza alguma. Em

terceiro lugar, várias dentre estas graças eram tão sublimes, que criatura alguma era capaz de receber maiores, por exemplo, a maternidade divina. Em quarto lugar, Ela encerra em Seu seio virginal a graça incriada, fonte de todas as graças, abismo das grandezas - o próprio Deus". (Summum. P.4, tít. 15, c. 20,15)

1. Maria praticou todas as virtudes, de todos os santos, em grau supremo.
2. Ela elevou a heroicidade de Suas virtudes a um grau de intensidade jamais alcançado por santo algum.
3. Todas as Suas virtudes foram tão sublimes, que nenhuma outra criatura seria capaz de alcançá-las.
4. Encerrou em Seu seio o foco e o modelo de todas as virtudes, a própria virtude, a ponto de Ela mesma tornar-se "toda virtude".

Exalta-se a justiça de Noé, fé de Abraão, a castidade de José, a paciência de Jó, e Maria reuniu as virtudes de todos os patriarcas, e de tal modo, que Ela foi o modelo acabado de cada uma delas.

Deus derramou a mãos cheias Suas riquezas neste vaso de alabastro.

Ela não foi privada nem mesmo dos dons, que, segundo o apóstolo, são essencialmente conferidos para o bem do próximo, como sejam o conhecimento das línguas, a inteligência das Escrituras, o espírito profético, etc...

Uma das virtudes que mais distinguem a gloriosa Virgem é a Sua incomparável humildade.

"A graça santificante, diz São Bernardino de Sena, cumulando-a de todas as virtudes, aprofundou a Sua alma, desde o princípio, no abismo da humildade... A ninguém foi concedido, como a esta Virgem bendita, verificar melhor o nada que é a criatura, humilhar-se tão profundamente e aniquilar-se tão completamente sob a vontade da Majestade divina".

(De concep. B. Virg. Art. I, C. 3)

"Vede, diz ainda o mesmo santo, como em santa emulação lutam na Santíssima Virgem a humildade e a bondade de Deus. Maria se humilha e Deus Se compraz em elevá-la. Não basta a Maria humilhar-se de um modo comum, mas Ela Se abisma na mais profunda humildade"

(De Assumpt. Art. 2. C. 2)

Foi dado à irmã Paula de Foligno compreender, em um êxtase, qual havia sido a humildade da Santíssima Virgem. Em seguida, querendo contar ao seu confessor o que ela havia visto, não soube, em seu espanto, senão exclamar: *"A humildade de Maria!... a humildade de Maria! Ah! meu padre, não existe no mundo nem sequer o menor grau de humildade que se possa comparar com a humildade de Maria".*

Um dia fez Nosso Senhor ver a Santa Brígida duas senhoras, dentre as quais uma não era senão fausto e vaidade, dizendo-lhe ao mesmo tempo: *"Eis o orgulho!"* Mas a outra, cabisbaixa, que se mostra muito respeitosa e considera-se um nada; *"eis a humildade, lhe diz ainda, e esta última se chama Maria".*

Por este meio quis Nosso Senhor fazer-nos compreender que a Sua bem-aventurada Mãe podia, tão grande era a Sua humildade, ser considerada como a humildade em pessoa.

"De fato, diz São Gregório de Nissa, a humildade é entre todas as virtudes talvez a mais custosa na prática à nossa natureza corrupta pelo pecado. Mas é preciso tirar dela o nosso proveito, diz Santo Afonso de Ligório (*Glórias de Maria: Virtudes de Maria*). Se não formos humildes, jamais seremos filhos de Maria. Daí esta palavra de São Bernardo: 'Se não sabeis, como o fez Maria, abraçar a virgindade, é preciso que, ao menos, a exemplo da Virgem Maria, pratiqueis a humildade'. - *Si non potes virginitatem humilis, imitare humilitatem Virginis*".

(De laud. B. Virg. hom.)

Tudo o que nos dizem os santos a respeito da humildade da Santíssima Virgem deve-se entender como dito de todas as virtudes, pois Ela praticou-as todas em grau heróico. É o que Lhe valeu o título que a Igreja Lhe confere: "*Rainha de todos os santos*", o que equivale ao título de Senhora de todas as virtudes.

"Assim como o sol eclipsa todos os astros noturnos, pelos seus raios ofuscantes, diz São Boaventura, *Maria ultrapassa a todos os demais eleitos em graça e em virtudes*".

E nós, que aspiramos a um dia fazer parte desta gloriosa falange dos santos, quão grande e intenso amor devemos ter para com aquela que será o nosso modelo e nossa Rainha!...

VII – DEUS, ENAMORADO DA BELEZA DE MARIA

Que poderia faltar ainda a esta coroa de incorruptível beleza que brilha na fronte da Imaculada Virgem?...

Ela aparece-nos verdadeiramente bela, e começamos agora a compreender o brado entusiástico do Espírito Santo: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te*.

Não é mais o louvor de um homem. É o amado falando à sua amada, o esposo à sua esposa, o imaculado à imaculada, o incorruptível à sua incorruptível, Deus à Virgem Maria.

Sois toda bela, "*bela por natureza, mais bela pela graça, belíssima pela glória*", diz ainda Hugo de São Vítor - *Pulchra per naturam, pulchrior per gratiam, pulcherima per gloriam* (De Assumpt.)

E o mesmo doutor, prosseguindo a continuação do mesmo texto, diz ainda:

"*Maria é toda suavidade, a única bela em tudo, singularmente bela. Eis por que deve também ser belo o louvor a fazer a uma tão bela Virgem*".

E como que em êxtase, à vista de tantas belezas acumuladas, o mesmo santo exclama, dirigindo-se ao autor de todas as Suas maravilhas:

"*Ó Vós, que sois a própria beleza, dizei-nos qual a beleza de Maria. Louvai-Lhe a beleza, a fim de que Ela Se associe também a Vós, que sois a beleza incriada*.

Ó Vós, que sois todo amor, dizei como é bela aquela que amais.

Ó Maria, Vós sois a digna do digno, a bela do belo, a pura do incorruptível, a elevada do Altíssimo, Mãe de Deus, esposa do Rei eterno! - O digna Digni, formosa Pulchri, munda Incorrupti, excelsa Altissimi, mater Dei, sponsa Regis aeterni!"

(Hugo de São Vítor: De Assumpta Maria sermo egregius).

Escutemos ainda a série de elogios que o Espírito Santo dirige à beleza de Sua "Bem-amada", terminando este capítulo com alguns brados de admiração, brotados do coração dos santos.

"Com a Vossa graça e beleza, guiai-nos, aumentai em prosperidade e reinai. Filha de Jerusalém, Vós sois bela e resplandecente, terrível em Vossas vitórias, como um exército em ordem de combate. Do mesmo modo que a mirra escolhida, ó santa Mãe de Deus, espalhastes um odor de suavidade.

A graça derramou-se sobre Vossos lábios, e Deus Vos abençoou por toda a eternidade. Como pessoas em transportes de alegria são todos aqueles que em Vós residem, ó santa Mãe de Deus!

Nós Vos seguimos pelo odor de Vossos perfumes; as donzelas Vos amaram até ao extremo. Vós vos tornastes bela, e em Vossas delícias repleta de admirável doçura, ó santa Mãe de Deus!

Quem é aquela que aparece como a aurora ao despontar do dia, bela como a lua, resplandecente como o sol?...

Sou a Mãe do belo amor, do temor, da grandeza e da santa esperança!"

Quem poderá ainda balbuciar, após estes lisonjeiros encômios, que o Espírito Santo dirige a Maria pelos lábios da Igreja?... Todas as expressões de que se servem os santos padres, para mostrar a riqueza, a graça e a beleza interior de Maria, provam a impossibilidade em que nos achamos de descrevê-la bem.

Segundo eles, Maria é:

"O abismo das infinitas grandezas de Deus". (S. João Crisóstomo)

"Um abismo de graças". (S.J. Damasc. Orat. I de Nativ. B.V)

"Dotada de uma graça infinita". (S. Epiph. Orat. de B.V)

"O privilégio de Seus méritos é inexplicável". (S. Bern. Sermo 4 de Assumpt.)

"Todas as graças nEla irradiam, como naquela que, sozinha, possui um coração bastante vasto para contê-las todas". (S. Boaventura: in psalt)

"Ela possui todas as graças de que a liberalidade de Deus pode enriquecer e ornar uma alma". (S. Atanásio. Serm. de Deipar. 7)

"Mãe de doçura e de beleza". (S. Francisco de Assis)

"A graça fecunda da natureza humana". (S.J. Damasc. Serm. de Nat.)

"A mais bela e mais agradável de todas as belezas, o ornamento mesmo de toda beleza". (S. Jorge de Nicomed.)

"Vós sois toda bela, ó Maria, sois toda bela, não parcialmente, mas em tudo e por toda parte". (Idem: Contempl. Virg.)

"De fato, ó Maria, Vós reunis as belezas do corpo, as belezas de todas as virtudes, as belezas de todos os dons divinos, todas as belezas da glória, belezas sem mácula, sem defeito, inalteráveis, incorruptíveis, imortais, deslumbrantes, as mais excelentes, as mais apropriadas a encantar todos os espíritos e todos os corações". (P. de Gallifer: Excelência da devoção)

Eis a razão desta acumulação de graças na alma da Virgem Imaculada, que nela faziam germinar as virtudes.

"O Altíssimo, diz S. Bernardo, criou em Maria, um céu a parte, um céu iluminado como que de um sol formado dos esplendores da sabedoria e do fulgor de todas as virtudes." (De B. Virg.)

Tudo o que os santos podem fazer é chegar aos pés de Deus, onde os vinte e quatro anciãos tiram as coroas e se prostram diante da Majestade do Altíssimo. Maria, porém, voa até os braços de Seu Muito-Amado, perto do Seu coração. É aí que está o Seu lugar, pois um único olhar Seu, um só anel de Seus cabelos, dizem os livros santos, feriu o coração do Monarca do Céu; ou, como diz ainda S. Bernardino de Sena, o coração de Maria parece cativar o coração de Deus, e tomá-lo de assalto.

"Uma jovem, não sei com que encantos, conquistou o coração de Deus".

"Quereis conhecer o número e a excelência das graças de que enriqueceu o Todo-poderoso a Sua Mãe santíssima? diz S. Pedro Damião... Dizei-me, se puderdes avaliar o que encerram os tesouros de Deus, dizei-me quantas perfeições divinas estão reunidas na Santíssima Trindade, e então eu responderei à vossa pergunta, pois poderei fazê-lo, dizendo-vos que a Santíssima Trindade se derramou toda inteira, expandiu-se totalmente no coração de Sua eleita. - In hujus utero, Majestas Altissimi mirabiliter liquefacta". (S.P. Dam Serm. de Annunt.)

E por que aconteceu tudo isto?...

Para excitar em nossos corações à chama do amor. Quem ama, torna-se mais puro. quem se dá, torna-se mais heróico; quem se expande, jamais se esgota!

Ó Maria, dai-me este amor! Inflamai-nos dessa paixão, a fim de que a nossa jamais se diferencie da Vossa!...

A BELEZA DO CORAÇÃO DE MARIA

I - A OBRA-PRIMA DO AMOR

Trataremos agora de uma matéria tão delicada quão consoladora!

O coração, isto é, a sede de amor, da bondade, da ternura, da misericórdia! Coração de Maria, isto é, o amor mais inefável, a bondade sem limites, a ternura mais expansiva, a misericórdia mais universal que jamais houve.

Como tratar tal assunto?...

Meu Deus, bem o sinto, só de joelhos podemos falar de tais belezas, com o coração elevado, bem alto, acima de todas as belezas da terra. Precisava ser ao mesmo tempo poeta e cantor, teólogo e santo!

De tempos em tempos produziu a humanidade seres extraordinários, figuras doces e radiosas, que apareciam como que banhadas em atmosfera de caridade terna e forte.

Mas, quando procuro um ponto de comparação para fazer uma idéia da beleza do coração da Mãe de Deus, sinto pulsar o meu próprio coração, sinto um como relâmpago iluminar a minha inteligência, mas tornar-se-me impossível formular as minhas impressões, que parecem congelar-se na ponta de minha pena.

Ó impotência da palavra humana e dor de um coração que ama e não sabe expressar o seu amor!

O coração de Maria é o amor, diria logo, e mais até que o amor, se alguma coisa pudesse ultrapassar o amor!

Que é o amor de uma mãe?... E quem jamais sondou o coração materno?... Quem compreendeu até hoje as riquezas do coração de Maria?... Só a própria Mãe de Deus compreenderá tudo o que Deus nela depositou de riquezas, assim como tudo o que nela acumulou de ternura e virtudes.

Aquele que a formou já antevia a Sua profundidade, assim como perscrutou os imperscrutáveis abismos.

"Querendo Deus exprimir a ternura de Seu amor para com os homens, diz Santo Afonso de Ligório, julgou que o melhor modo de não-la fazer compreender seria comparar-se a uma mãe: 'Poderia, diz ele, uma mãe esquecer o seu filho?'"

E, no entanto, o amor de todas as mães do mundo seria incapaz e impotente para salvar uma só alma. Entretanto, havia Deus decretado que um coração de mãe seria a fonte da salvação, não só de uma alma, mas de todas. Onde encontrar, pois este coração?

Ele devia ser tão misericordioso, que nenhuma ingratidão o pudesse vencer; tão bom, que miséria alguma o pudesse contristar; tão amante, que nenhuma alma pudesse escapar aos seus convites; tão santo, que pudesse merecer a redenção; tão grande, que pudesse conter todas as graças; tão elevado, que fosse a escada do Céu; tão agradável a Deus, que sempre pudesse aproximar-se do Seu trono; tão poderoso, enfim, sobre o coração de Deus, que não pudesse receber a mínima recusa!

Pois bem! Esta obra-prima incomparável saberá Deus encontrá-la nos tesouros de Sua sabedoria e de Sua bondade, e o Filho de Deus se tornará filho de de uma mulher, que havia chegado ao grau supremo do amor, mostrar-lhe-Á o Homem e lhe dirá: "*Mulher, eis aí o Vosso Filho*". *Amai-O como me amastes*".

Deste modo o coração de Maria recebe a missão de ser como que o centro da afeição de todos os filhos de Deus, de unir como em um feixe único as ternuras de seus corações para os oferecer ao Altíssimo.

Tornar-se-á assim a mediadora entre Jesus e nós, assim como Jesus é o mediador entre o Pai e a humanidade decaída, isto é, Ela será uma digna Mãe de Deus.

E poderia Ela ser não somente uma digna Mãe de Deus, mas simplesmente "mãe", quando o coração é imperfeito?... Uma mãe é mãe mais pelo coração que pela geração. "*Desde o instante de Sua Conceição Imaculada, diz Santo Afonso de Ligório, o coração de Maria foi de tal modo tocado e transpassado de amor, que parte alguma nele ficou sem que fosse abrasada.*"

Mas este fogo sagrado cresceu além dos limites, quando esta Virgem tão pura se tornou mãe e, mais ainda, Mãe de um Deus.

O amor das outras mães é dividido entre vários filhos, ou então se expande sobre outras criaturas.

Maria Santíssima, porém, não terá senão um Filho, e este Filho será incomparavelmente mais belo do que todos os demais filhos de Adão, será extremamente amável, pois todas as qualidades que O fazem amar; será obediente, virtuoso, inocente, santo, em uma palavra, será perfeito.

Além disso, o amor desta Mãe de nenhum modo abrangerá outros objetos; sobre este Filho único Ela depositará todas as Suas afeições, e jamais receará amá-LO em excesso, pois este Filho, sendo Deus, merecerá um amor infinito.

Agora, pergunto eu: Quem poderá sondar o coração de uma Mãe de Deus? Quem poderá avaliar o Seu amor?

Pois bem: exultemos de alegria! Jesus Cristo formou especialmente para nós este coração tão amante, e no-lo deu quando disse: "*Eis a vossa mãe!*"

Depois do coração do Homem-Deus, o coração de Maria é tudo o que há de melhor, mais puro, mais misericordioso, mais belo e, finalmente, tudo o que há de mais grandioso. Junto ao Coração de Deus, do qual não quer a Providência que seja jamais separado, nada de mais central.

"*Tudo é para o Filho de Deus e a Sua Mãe*" (S. Bernardo. I Sup. Salv. Reg.). Tudo, tanto na terra como no Céu, gravita em torno da Mulher cercada do sol divino, que é o Verbo encarnado. "*Com o coração de Jesus, o coração de Maria é o centro do mundo*". (Sauvé)

O coração de Maria revela admiravelmente o coração de Jesus, e lhe prepara os caminhos; o amor do coração da Virgem é o raio mais puro da redenção, e o Salvador não podia dar à terra um testemunho mais doce do Seu amor que o coração de Sua Mãe, que se une primeiro ao Seu próprio coração, para em seguida unir-nos a Jesus Cristo.

Primeiramente, o coração de Maria é um coração físico, o Seu coração palpitante de outrora, de tão profundas e puras alegrias, angustiado por inefáveis dores, este coração em que, como em todo o Seu

puríssimo corpo, e em Sua alma santíssima, habita sempre a augusta Trindade, com inefáveis complacências.

O coração de Maria é ainda esta faculdade de amar, faculdade que Maria empregou em todo o Seu poder e em toda a Sua delicadeza, o Seu amor imenso que Lhe faz sacrificar para a honra de Deus e para a nossa salvação o Seu Filho adorado.

E não se deve reparar o interior deste amor, simbolizado pelo Seu coração, mas a ele incluir todos os tesouros de luz postos a serviço deste amor.

Para ter a fisionomia completa deste amor materno, seria preciso aproximar o abismo de Suas grandezas do abismo de Suas dignidades e de Seus privilégios e vê-los expandir-se no amor.

Seria preciso contemplar ainda os abismos de Suas virtudes, inspiradas todas pela caridade, os abismos de Suas alegrias penetradas pelo amor, de Seus sofrimentos, oriundos também da exuberância do Seu amor.

Então ter-se-ia o íntimo desde "*Coração-Sol*", como o chamou Paracelso, e compreender-se-ia que, depois do coração de Jesus, nada é mais capaz de comover-nos que o coração de Maria, tanto mais que neste coração todas estas maravilhas e todos estes mistérios de vida nos são mostrados como orientados para a manifestação suprema de Sua caridade para com Deus e para com os homens, isto é, a Cruz.

A este respeito é perfeito o paralelismo entre o coração de Jesus e o coração de Maria.

Todo o amor de Sua Mãe, e tudo o que resulta deste amor, tende sempre para o sacrifício supremo.

Ó coração admirável de uma Mãe!

Perdoai-me a indiferença passada, ó Maria! Fazei que agora ao menos a beleza inefável de Vosso coração cativo o meu; arrastai-o conVosco, pregai-o a Vós, fazei-o gravitar em redor de Vós, assim como gravitam os planetas em redor do sol.

Vós sereis o sol de minha vida, por Vós receberei calor, luz e vida - "*Vita, dulcedo et spes nostra, salve !*"

II - O AMOR DE DEUS

Deus encontra toda a Sua felicidade em amar-Se a Si mesmo; entretanto, em Sua infinita bondade, quis ser amado pelos homens. Para este fim é que Ele Lhe deu este mandamento, o primeiro mandamento da lei: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração: Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo*".

Entre todas as criaturas, nenhuma há que tenha realizado mais perfeitamente este preceito do que Maria Santíssima. Saiu radiante das mãos de Deus. Jamais o pecado alterará, ou simplesmente ofuscará este fogo de amor e de toda ternura.

Desde o momento de Sua Conceição imaculada, a Virgem santa descobriu em Deus tanta amabilidade, que Seu coração pulsou unicamente para Ele. E o que dá toda perfeição ao Seu amor é que, sem visar os Seus interesses pessoais, e sem outro desejo que o de agradar a Deus, Ela O amou puramente, por Ele mesmo, isto porque, sendo infinitamente amável, merece ser soberanamente amado.

E quem avaliará a intensidade deste amor?...

"Tão ardente foi ele, diz um piedoso autor (Dom. L. Rouvier: Novena completa), que foi preciso Deus fazer um milagre contínuo para que Ela não fosse consumida, em todos os instantes de Sua vida, pelas afeições ardentes de Seu coração".

Diz um santo que, quando Maria transportava o menino Jesus, podia-se exclamar: *"Eis o fogo que carrega o fogo"*. Isto é tão verdade que, se se reunissem o amor de todos os serafins, de todos os apóstolos, de todos os bem-aventurados, todos esses amores juntos se assemelhariam a uma centelha diante do vasto incêndio do amor de Maria. É o que faz dizer a Ricardo de São Lourenço que *"os serafins, embora sejam todo amor, teriam podido descer do céu, para vir aprender no sagrado coração de Maria o amor de Deus"*.

"Esta augusta Virgem, diz São Germano, foi maravilhosamente figurada pelo altar de propiciação, onde ardia o fogo de noite e de dia".

"Semelhante a estas flores que acompanham sempre o sol, diz São Pedro Damiano, Maria tinha habitualmente os olhos de Sua alma elevados para o sol divino".

Ensina-nos São Bernardino de Sena e Santo Ambrósio, que o próprio sono, por um privilégio singular, não interrompia as afeições de amor produzidas pelo sagrado Coração de Maria.

Para termos uma idéia desta intensidade, basta considerar a fonte desse amor. Ora, esta fonte é o amor que Deus Lhe tem. Ama-a Deus e é este amor que faz com que o Padre eterno A associe À Sua eterna geração, fazendo-A Mãe de Seu Filho único, *"comunicando-Lhe, como diz Bossuet, um raio de Sua fecundidade infinita"*. (Sermão da Anunciação)

Convém notar que o amor das crianças nasce do amor do Criador, como a flor nasce da planta que a sustenta. O amor, ou caridade, é uma virtude sobrenatural que, por isso mesmo, não pode ser adquirida nem pelo esforço, nem pela luta. Ele é um dom de Deus, dom gratuito, outorgado àqueles que o impetram com as disposições necessárias. Isto nos auxilia a compreender a origem sublime do amor incomparável da Virgem.

E é comunicado a Maria - segundo diz o eloqüente bispo de Meaux - um raio de Sua fecundidade, que Lhe comunicou Deus o dom de Seu amor. *"Daí é que nasceu o amor, diz-nos ainda Bossuet, Deu-se uma efusão do coração de Deus no Seu próprio coração, e o amor que Ela tem a Seu Filho, esse Lhe é dado pela mesma fonte que Lhe deu o Seu Filho único"*. (Bossuet: ibidem)

Que intensidade não supõe uma tal fonte, sobretudo quando se pode infiltrar em um coração tão admiravelmente disposto, como o coração da imaculada Virgem.

Como calcular a extensão desse amor?...

Dá-nos Santo Alberto Magno uma regra, que nos permite entrevê-lo em parte.

"Quanto mais um coração se esvazia de si mesmo, diz ele, tanto mais cheio será de caridade para com Deus - Ubi major puritas, ibi major charitas". (Sup. Missus est q. 15).

E quem poderá dizer quando Maria foi humilde foi humilde e desapegada de Si mesma e do mundo?... Quem o dirá?... Quem tal fizesse, diria ao mesmo tempo qual foi a extensão de Seu amor.

"O amor divino, diz São Bernardo, *feriu, transpassou o coração de Maria Santíssima até à Sua última fibra*". Segundo Santo Ildefonso, "*o Espírito Santo penetrou Maria com Suas celestiais chamas, assim como o fogo penetra o ferro de modo que nada se vê e nada se sente nela, que não seja o fogo do amor divino*". (De Ass. 5. l)

E, pois com muita razão, conclui São Bernardo, que São João A viu sob o emblema de uma *mulher revestida do sol*, pois Ele foi tão estreitamente unida a Deus, que nenhuma outra criatura a poderá jamais igualar". (In sig. m)

Concluamos, pois, dizendo com Santo Alberto Magno: "*Tornando-Se Mãe de Deus, a gloriosa Virgem ficou repleta, por assim dizer, de toda caridade, de que nesta vida era capaz uma simples criatura*". (Sup. missus, q. 61, parte 2)

"Esta caridade ardente tornou Maria tão bela aos olhos do Senhor, observa santo Tomás de Vilanova, *que, arrebatado de amor por Ela, Ele desceu do céu para o Seu seio, e revestiu-Se de nossa humanidade*". (In nat. Dom. conc. 4) Daí, esta exclamação de São Bernardino:

"Ó poder da Virgem, uma filha da terra tocou e arrebatou o coração de Deus".
(Pro festo B.Virg., q. 61,2)

"Mas, amado de tal modo a Seu Deus, diz Santo Afonso de Ligório, *Maria exige de Seus servos, antes de tudo, que amem também a este Deus com todas as Suas forças*". É o que ela recomendava um dia à bem-aventurada Ângela de Foligno, que acabava de comungar: "*Ângela, sê bendita de Meu Filho, lhe dizia Ela, age, porém, de tal modo, que O ames tanto quanto o podes*". (Boll: 4 de junho, c. q) Ela também disse a Santa Brígida: "*Minha filha, se tu queres apegar-te a Mim, ama ao Meu Filho - Si vis me tecum devenire, ama Filium meum*".

De fato, Maria não guarda para Si o amor que Lhe consagramos. Ela sabe que Ela não é o fim, mas sim, o meio. Por isso, cada vez que Lhe chamamos "*Maria*", Ela repete: "*Jesus*", diz o bem-aventurado de Montfort.

Ela não deseja que nós A amemos, senão para nos fazer amar cada vez mais ao Seu divino Filho.

Ela não é Rainha senão por ser Mãe e Filha do Rei.

Ela não é "*amante das almas*" e "*arrebatadora dos corações*" senão para conduzi-las e uni-las a Jesus, e para dar Jesus àqueles que A amam.

Ó irmãos queridos em nossa doce Mãe, quereis amar a Jesus?... Quereis amá-IO muito? amá-IO ardentemente, apaixonadamente?...

Amai a Maria!

Não merece todo o vosso amor aquela que tanto amou a Deus e O amará, e cujo amor se confunde de certo modo com o amor de Deus?

III- AS CAUSAS DESTE AMOR

Ninguém duvida que Maria tenha amado a Deus. E é este amor da Virgem imaculada para com Deus que atraiu ao Seu seio o Verbo feito carne. E quem poderá dizer-nos a extensão, a veemência, e a profundidade de um amor que produziu tais efeitos?... Mas qual era a causa deste amor, a fonte do contínuo crescimento que ele experimentava?

Esta causa é dupla: *o conhecimento de Deus e a Sua união íntima com Ele.*

Antes de tudo, Maria conhecia a Deus com um conhecimento perfeito, que não era inferior senão ao conhecimento face a face e sem véu, na pátria celeste.

Ama-se perfeitamente o que se conhece bem, e mais o objeto conhecido é amável e digno de ser amado, mais o coração se inflama.

Ora, aqui são dois abismos que se desvendam aos nossos olhos: - Deus, tão infinitamente amável... e Maria, que O conhecia como nunca homem algum O conheceu. Ele era o Seu Filho... e Ela era a Sua Mãe, e quem, melhor do que uma mãe, compreende e penetra os mistérios do coração do Seu Filho?...

Oh! quão inefável foi o amor que Maria hauriu nesta primeira e não única fonte!

Maria, por Sua fé e por Seu coração, via a Deus tal qual Ele é, fonte de todo bem, foco de amor, abismo de grandeza, oceano de beleza. Ela O contemplava e O conhecia mais e mais, para amá-LO sempre mais nestes trinta anos passados com Jesus, ao mesmo tempo que nEla aumentavam o conhecimento das perfeições divinas, e tornavam mais vivas as chamas de Seu amor. E estes benefícios derramados por Deus a mancheias, e cada vez mais perfeitamente conhecidos por Maria, *eram novo combustível lançado nos braseiros de sua alma.* (Petitalot)

Contemplando-Se, Maria sentia-Se escolhida por Deus, enriquecida por Ele de todas as prerrogativas que podem ornar uma criatura, elevada a um trono, de onde dominava todos os demais tronos, excetuado o de Deus.

Ela via o Seu Deus feito Seu Filho, e via-Se chamada a participar da incomunicável paternidade divina e também da fecundidade do Espírito Santo. E, à vista de tantas maravilhas sem iguais no passado, como sem espécimes nas idades futuras, poderia Ela amar demais?... ou mesmo podê-lo-ia amar bastante?...

Além disso, Maria amava a Deus por causa dos laços que os uniam reciprocamente. Não era Ela ao mesmo tempo filha, irmã, mãe e esposa de Deus?... E Deus A preferia tanto, que a cognominava Sua "Bem-amada", Sua "Única", a "Toda-bela".

E como é que a Virgem não corresponderia por reciprocidade a este amor do Seu Deus?...

Os pais amam os seus filhos, e não era Jesus o filho de Maria?... E que filho! Ela podia, pois, amar neste Menino Deus, o Seu filho, o mais amante, e o mais amável dos filhos, o Seu filho único, osso de Seus osso e carne de Sua carne, formado todo Ele de Sua substância.

A esposa ama o seu esposo. Desposada com o Espírito Santo e com a Santíssima Trindade, como não amaria Ela o Seu Deus, que é amor?

Sobre um assunto tão divinamente terno e tão ternamente divino, um anjo poderia apenas balbuciar; amando a Deus, amada por Deus, Maria Santíssima não Lhe era unida senão por laços de amor. Nela tudo é amor, como tudo é fogo em um forno incandescente, como tudo é água no imenso oceano.

Oh! como é admirável o coração de Maria!

Se o amor divino tão vivamente pôde comover o coração de um São Filipe Neri, que abriu uma das suas costelas para dar lugar à sua impetuosidade, se um São Francisco Xavier com igual razão sentia arder o seu peito, a ponto de ele abrir as suas vestes, para refrescar o peito, se um Santo Estanislau Kostka devia refrescá-lo com toalhas embebidas em água, se uma Santa Teresa morreu, tendo o coração transpassado por uma flecha de amor que Lhe cravou um serafim, é preciso concluir que não se pode explicar nem sequer conceber o celeste e amoroso ardor que abrasou continuamente o coração da Santíssima Virgem, superior ao coração de todos os santos reunidos, na intensidade e na grandeza de Seu amor para com Deus.

Se a Santíssima Virgem pôde sustentar tanto tempo em Seu coração uma violência tão excessiva de amor, sem sucumbir, é preciso atribuí-lo a um prodígio sobrenatural, como foi um milagre ter Ela suportado em Sua alma um martírio de dor, sem por Ele morrer vitimada.

Oh! que motivo para amarmos a Maria!

Honra-se o coração de um São Francisco de Sales, de um São Carlos Borromeu, de uma Santa Teresa, porque foram abrasados do amor de Deus. Mas se pudéssemos encontrar um coração que, em amor para com Deus, igualasse os corações destes três santos unidos, não seria ele mais venerável?

Se houvesse um coração do qual se pudesse dizer que amou tanto a Deus quanto O amaram os santos todos juntos, que na solidão não se preocupava senão em pensar em Deus e em amá-IO, não mereceria ele, seguramente, um culto mais especial e mais elevado?...

Ora, o que se deveria dizer do coração de Maria, que amou mais a Deus do que a todos os santos do Antigo e do Novo Testamento?

É pouco assemelhá-IA, como fez São Bernardino de Sena, a uma fornalha ardente do divino amor. - *Quis thesaurus melior quam ipse divinus amor, quo fornaceum cor virginis ardens erat?* (Serm. 9 de vir.).

Depois do coração de Jesus, não há coração que mereça um amor tão alto e tão extenso como o coração de Maria, pois não há coração que possa, não digo ser comparado ao Seu amor para com Deus, mas que possa dEle aproximar-se. (Muzzarelli: Opúsculos)

IV- O AMOR SUPREMO

A beleza de um coração vem unicamente da sua semelhança e de sua união com o coração de Jesus, mais ele participa de Sua beleza, porque se envolve, de certo modo, dos ardores divinos de que está consumido o Salvador.

Dessa aproximação brota o amor; ama-se porque se sente amado, e mais se conhece a intensidade do amor que Jesus nos tem, mais se desenvolve este amor, e mais ele aumenta de ambas as partes.

Amamos, porque nos sentimos amados - eis uma lei à qual se submeteu o próprio Deus. Essa é a razão por que o amor de Deus aumenta para conosco, à medida que o nosso amor aumenta para com Ele. É dizer que o amor vem do conhecimento e o conhecimento vem da contemplação.

Contemplo, conheço, admiro, amo.

E Jesus, abrindo o Seu coração, mostra-se à minha alma em toda a Sua beleza e, à medida que os Seus desejos dilatam o meu coração e aumentam a sua capacidade, Jesus derrama aí o Seu amor em uma medida excessiva... sem medida, pois "*a medida do amor*", diz Santo Agostinho, é amar sem medida".

Compreender a estreita união que existia nesta vida entre o Coração de Jesus e o Coração de Maria, seria, pois, ter uma espécie de medida do amor da mãe para com o seu filho.

Maria amava a Jesus como a Seu Filho e a seu Deus; Jesus amava a Maria como a Sua Mãe, e como a mais santa das criaturas.

Nenhum coração pôde jamais dizer, com tanta verdade, como o coração de Maria, estas palavras da esposa dos Cânticos: "*Meu bem-amado é todo meu, e eu sou toda dele*".

Quando a Virgem, em transportes de amor, dizia ao Seu divino Filho: "*Como sois belo, Filho querido de meu coração*", Ele Lhe respondia, por sua vez: "*Como sois bela, ó Mãe, como sois bela!...*"

Jesus considera Sua Mãe como sendo a mais bela das criaturas, "a sua única"; e Maria, na contemplação das belezas infinitas de Seu Filho tornava Sua a beleza sobrenatural que irradiava de Seu Filho.

Jesus era o mais belo dos filhos dos homens e "*Maria era, como diz a Igreja, a mais bela dentre todas as mulheres - pulcherrima mulierum*".

Escutemos Santo Afonso de Ligório fazendo falar o divino Jesus:

"Ó homens! - diz-nos Jesus, entre os braços de Sua terna Mãe - ó homens, prestai ouvidos, e eu vos direi quão bela e perfeita é a Minha Mãe. Tão graciosa Ela é que, se o mundo A conhecesse, Ela arrebataria todos os corações! A Sua vista eclipsa-se toda beleza criada, e desaparece toda a graça humana como as estrelas diante da luz do sol. Ela é a flor de todas as criaturas; tudo o que há de excelente em cada uma delas, Ela o possui; bem pode ser Ela chamada a graça e o encanto do universo, a face e a figura de Deus.

Todas as graças e todos os dons que distinguem as mais formosas mulheres da Antiga Lei, encontram-se reunidos nela, porém com muito mais perfeição. Ela possui a boca de ouro de Sara, cujo sorriso alegra o céu e a terra. Tem também aquele doce olhar da fecunda Lia, que enterneceu o Meu coração divino. Ela tem igualmente a fronte deslumbrante da bela Raquel, cujo esplendor eclipsa os raios do sol. Tem ainda o encanto da discreta Abigail, que sabe apaziguar a ira de Meu Pai. Tem, finalmente o ardor e a coragem da valorosa Judite, e como ela sabe subjugar os corações mais endurecidos.

Sim, aquela a quem eu tomei por Mãe é toda bela! Do imenso oceano de Sua beleza brotaram, como rios de Suas fontes, a beleza e os atrativos de todas as criaturas. Eis a Minha Mãe, toda bela no Seu exterior, porém incomparavelmente mais bela no Seu coração: "*Quam pulchra es... absque eo quod intrinsecus latet*".

Se a beleza sobre vós exerce algum atrativo, amai-A, ó homens, e que todo o vosso amor consista em agradar-Lhe em tudo, a fim de que um dia possais contemplá-IA face a face no céu, onde Ela será a alegria e a recompensa daqueles que A tiverem amado e servido na terra."

Maria, dirigindo a Seu divino Filho os louvores que este tece em Seu favor, mostra-nos esta inefável beleza e parece dizer-nos:

"Ó homens, se a beleza tem algum império sobre o vosso coração, vou contar-vos os celestiais atrativos que nela resplandecem, para que a ameis como eu a amo: *Ele é o mais belo dentre os filhos dos homens*, pois o próprio Espírito Santo formou-O em Seu seio. O Senhor formou com as Suas próprias mãos o corpo de Adão, e ele o fez tão belo, porque devia ser o templo de uma alma criada a imagem de Deus.

E, demais, que vos direi eu de Meu Filho, novo Adão, cuja humanidade devia ser indissolivelmente unida à divindade do Verbo?... *Meu filho é o mais belo dos filhos dos homens!* pois, formando-O, o Espírito Santo quis torná-IO o espelho de toda a perfeição.

Em Jesus Ele quis pôr uma beleza que incomparavelmente ultrapassa todas as belezas criadas. Tudo o que nas coisas visíveis deleita os olhos e satisfaz o coração, não é mais que um pálido reflexo da beleza de Meu Jesus. Em cada criatura Deus faz brilhar uma centelha da beleza suprema, nela contida, e o Espírito Santo reuniu todas estas belezas na humanidade de Meu Filho.

Meu Jesus é o mais belo entre os filhos dos homens! Ele veio ao mundo para atrair vossos corações ao Seu amor, ultrapassar por Sua beleza tudo o que vos agrada e seduz o mundo, para ser o amante de vossas afeições, para ganhar as vossas almas, para levar-vos a virtude, excitar-vos ao trabalho, fazer-vos amar o sofrimento, e, ser, enfim, a recompensa daqueles que O seguem.

Mas, também, que beleza, que dignidade, que graça, que amabilidades!... Quanta doçura em Suas palavras!... Que afabilidade em Suas conversações!... Que encanto em Seus modos!...

Verdadeiramente, Ele é o mais belo dos filhos dos homens. E vós não O amareis?... E entregareis o vosso coração a belezas perecedoras?..."

Tal é o louvor recíproco que se dirige mutuamente o Filho e a Mãe: - estas duas inefáveis belezas que só uma vez a terra pôde contemplar e de que o céu goza numa delícia sem fim.

V- O AMOR DOS HOMENS

Quando se ama verdadeiramente a Deus, ama-se sinceramente o próximo, porque o primeiro amor não pode subsistir em uma alma, sem que produza o segundo.

Nosso amável Salvador, para que nós pudéssemos compreender a inseparável união existente entre o amor de Deus e o amor dos homens, a nós assim falou: "*Amareis o Senhor, vosso Deus, de todo o vosso coração: eis o primeiro mandamento; e amareis o próximo como a vós mesmos: eis o segundo, semelhante ao primeiro*".

E a Santíssima Virgem, que tão perfeitamente cumpriu o primeiro mandamento, teria podido faltar ao segundo?...

Não somente havia Deus destinado Maria para ser Sua Mãe, mas também destinou-A a ser mãe de todos os homens e, em consequência, Lhe deu, ao criá-IA, um coração de mãe para com eles.

Além disso, Jesus Cristo, durante a Sua permanência no Seu casto seio, comunicou-Lhe os ardores de Seu amor para conosco, em um grau tão elevado, que jamais uma simples criatura amou os homens como Maria os amou.

Oh! sim, digamo-lo com ousadia, Maria é o coração que nos ama, e ele nos ama, terna, ardente e apaixonadamente.

Aliás, poderia Ela deixar de amar-nos?...

Cada vez que Ela vê a Deus, vê o amor infinito que nos consagra desde toda a eternidade - "*in perpetua caritate dilexi te*", o amor com que e por que ele nos amou, conservou, sustentou, acumulou de graças e de benefícios.

No coração paternal de Deus Ela vê a ternura cheia de misericórdia com que Ele nos segue, permite que sejamos submetidos à prova, respeita a nossa liberdade, e sem cessar conserva os olhos fixos sobre nós, com receio de que algum apego criado desvie por um instante as afeições de nosso coração, que Ele deseja seja todo Seu, e repleto de Seu amor.

Ela vê este Pai celeste escutando só o Seu amor e enviando-nos o Seu Filho único para nos arrancar do inferno e reconduzir-nos ao caminho que ao céu conduz!...

E quando fixa o seu olhar sobre Jesus Cristo, contempla-O acobardado e triturado sob o peso dos sofrimentos, das humilhações e das dores.

Ela assiste em espírito à flagelação, à coroação de Seus espinhos, à crucifixão, à morte de Seu divino Filho, e ouve ressoar ainda aos Seus ouvidos esta comovida prece: "*Meu Deus, que nenhum daqueles que me destes, pereça eternamente*".

Oh! como não nos amará Maria a esta vista assim como a esta lembrança?...

Admitamos que para Ela nós nada sejamos, nada nos atraia a Sua compaixão, Sua estima e Sua afeição; entretanto, por amor a Deus, e por saber que nos amando faz prazer a Ele, não deverá Ela amar-nos e amar-nos ternamente?...

Oh! Como é doce este pensamento: "*Maria nos ama, e nos amará sempre*".

E depois, desde que Ela considera a nossa alma, esta pobre alma, tão lânguida, tão ferida e, entretanto, tão desejosa de amar e de ser amada, vendo-a a ponto de se perder para sempre, se não vier em seu socorro, poderia Maria não Se sentir tocada pela compaixão?...

Sendo nossa alma a imagem de Deus, cuja beleza e santidade são bem conhecidas por Maria, e podendo Ela impedir que a mesma seja manchada e desfigurada, como poderia Ela consentir que essa alma estivesse em poder do demônio, objeto dos seus insultos e suas blasfêmias?...

Não, isso é impossível... Seu amor a Deus se recusa a tudo isto.

Nossa alma é criatura de Deus, filha de Deus, destinada a participar um dia do reino de Seu Pai, e poderia a Santíssima Virgem permitir que esta alma fosse afastada de Deus e arrancada de Seus braços para eternamente sofrer nos abismos abrasados do inferno?...

Não! O Seu amor a Deus e a Sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Nossa alma é resgatada pelo sangue de Jesus Cristo, pelo sangue de Seu Filho; ela é o preço de humilhação, de angústia e de lágrimas, que estão sempre presentes em Seu espírito, e, podendo impedi-lo, poderia a Virgem Santíssima permitir que por toda a eternidade esta alma se perdesse?...

Não! O Seu amor a Deus e a Sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Nossa alma é destinada a conhecer e amar a Deus, e a unir-se aos anjos para glorificar e exaltar eternamente as grandezas, a majestade e o amor de Deus, e, podendo impedi-lo, permitiria a Santíssima Virgem que, durante toda a eternidade, esta alma amaldiçoasse e blasfemasse o seu Deus?...

Não!... seu amor a Deus e Sua caridade para com os homens a isso se recusam.

Além disso, quando Maria se considera a Si mesma, não se vê Ela cumulada de graças que continuamente excitam o Seu reconhecimento?...

E para mostrar esse reconhecimento não se sentiria Ela obrigada a fazer por Deus tudo o que Lhe é possível fazer?...

Sem dúvida, continuamente o Seu coração transborda de agradecimentos e louvores para com Deus, mas o amor é ativo e não Lhe é suficiente fiel e reconhecido.

Em Deus Ela encontra toda a alegria que procura, conservando-Lhe fiéis e inocentes as almas por Ele criadas e reconduzindo ao Seu amor aqueles que O abandonaram.

Vê-se deste modo que Ela é por reconhecimento obrigada a nos amar.

E se tudo isso ainda não fosse suficiente, poderia Maria Santíssima esquecer-Se de que é Mãe dos homens?... Ser mãe significa ser vigilante, doce, condescendente para com o ser pequeno, fraco e necessitado que a Providência Lhe confiou.

Ser Mãe dos homens é trazer em Suas entranhas esta humanidade inteira, desfigurada e ingrata, sem dúvida, mas algumas vezes nobre em suas aspirações, em seus esforços e em suas lutas.

E poderia a Santíssima Virgem esquecer-se de tudo isso, Ela, que não foi feita tão grande, tão poderosa, tão "mãe", senão para nos aliviar e levar-nos todos em Seu coração?...

Oh! não! isso repugna ao Seu reconhecimento para com Deus, como repugna a um coração de mãe esquecer o fruto de suas entranhas.

Maria conhece em toda a sua extensão e todos os seus pormenores o dever que Deus Lhe impôs, que foi manifestado por Seu Filho, quando, pregado na Cruz, iria consumir o Seu Sacrifício.

O Seu coração sondou toda a extensão das obrigações de uma mãe. De certo modo aprofundou as intenções de Deus a Seu respeito, tornando-A tão grande, tão poderosa e tão misericordiosa.

Ela compreendeu esta palavra que ressoa continuamente aos Seus ouvidos: "*Eis aí o Vosso filho*".

E Maria, que tanto ama a Deus, que deseja tanto agradar-Lhe, sabe também que, amando os homens, glorifica mais e mais o Seu divino Filho, oh! como Ela deixa dilatar-se o Seu coração, até transbordar de todas as ternuras e misericórdias.

Dia e noite Ela conserva os olhos fixos sobre os Seus filhos, receando que lhes aconteça alguma desgraça, e sem cessar Se inclina para nós com o sorriso nos lábios, para nos alentar nos sofrimentos, com o Seu olhar velado em lágrimas para chorar as nossas infidelidades, mas com as mãos repletas de graças, para nos auxiliar, esclarecer e guiar para o céu.

Oh! que doce e animador pensamento!...

Maria me ama e me conduz por toda parte em Seu coração. Também eu Vos amo, ó terna Mãe, e quero amar-Vos sempre, já que o amor só pode gerar o amor e o coração só pode retribuir um dom do coração.

VI- O AMOR DE MÃE

***"Não posso mais sustentar o braço de Meu Filho,
Ele está demais pesado".***

Precedentemente provamos que Maria é nossa Mãe e dissemos também que mais além teríamos as conseqüências que provém deste título. Chegou o momento de perscrutar todas as riquezas e consolações deste suave título que damos a Maria: Maria é "nossa Mãe".

"Ser mãe" é não somente ter dado a vida a alguém, mas também é amá-lo com este amor terno e apaixonado que não conhece espaço nem tempo, e que não se deixa jamais abater... Ele espera e perdoa sempre... Eis a mãe, e eis também Maria!...

Maria nos ama, porque é Mãe de Deus. Mas Ela nos ama também porque é nossa Mãe, e conserva sempre o Seu coração de mãe, mesmo para os culpados. Uma mãe não deixa de esperar a volta de seu filho enquanto este filho vive. Chorará ela os desvarios deste ser querido, permanecerá desconsolada, mas sem fechar o seu coração e sem desesperar jamais. "*Ele vive, diz consigo a mãe, e pode ainda voltar: um dia ele virá lançar-se nos braços de sua mãe e então será completo o nosso amor!*"

Como o pai do filho pródigo, ela jamais fecha o coração, e não se importa com a hora tardia da volta, seja qual for o estado em que o pecado deixar o filho pródigo, pois a mãe conserva sempre para o culpado um sorriso de ternura e uma palavra de perdão. Uma mãe não se cansa de empenhar-se junto ao seu filho, culpado, nada poupando para reconduzi-lo: exorta, repreende, ameaça e pune mesmo com pesar.

Seu coração descobre indústrias que se não encontra senão em um coração de mãe, e, quando tudo está esgotado, recorre à sua última arma, e mais eficaz de todas: - as lágrimas.

Ó Maria, quantas vezes tenho eu resistido à Vossa ação, a todos os esforços de Vosso amor e talvez às Vossas próprias lágrimas. E como um dia em La Salette Ela me apareceu sentada, tendo a cabeça entre as mãos, olhar velado e em Sua imensa desolação redizendo a palavra que ouviram os pequenos pastores do Definado: "*Não posso mais sustentar o braço de Meu Filho, Ele está demais pesado*".

Demais pesado: por meus pecados, por minhas ingratidões e minhas resistências culpadas.

Ó Maria, intercedei ainda! Sustentai o braço de Jesus... eu volto, eu me entrego! Reconduzi-me à força, se preciso for! Fazei que longe de Jesus e de Vós eu encontre tantas amarguras, tantas decepções, tantos aborrecimentos, tanto abandono, que não goze mais paz e felicidade senão junto a Vós.

Uma mãe não se cansa nunca de se empenhar junto àqueles que lhe podem reconduzir o seu filho. Deus é aquele que reconduzir a alma culpada, e Maria, que tanto se aproxima de Deus, suplica-Lhe sem cessar que não se impaciente, que não castigue logo, que nos dê a graça do arrependimento. Pobre alma pecadora, no momento em que quiseste cometer o pecado, que contra ti deveria excitar a cólera de Deus, Maria estava junto à Cruz e dizia a Jesus, com lágrimas: "*Meu Filho, perdoai-lhe, ela não sabe o que faz!*"

E o Salvador te perdoou em consideração à Sua Mãe. Tornaste a participar de Sua amizade, de Sua intimidade, e hoje podes ser amiga do Coração de Jesus. E quando um filho dócil permanece sempre ao lado de sua mãe, de certo modo vive sob suas asas e perto de seu coração, quem poderá dizer as relações de intimidade que se estabelecem entre o coração da mãe e o coração do filho?

Tanto na calma do silêncio como pelas palavras se estabelece entre eles a misteriosa comunicação de pensamentos e sentimentos. Um gesto, um olhar, um sorriso é uma ordem que o amor sente, interpreta e executa. É a vida de dois seres em um só coração, ou, mais exatamente, a vida de dois corações em uma só alma. E tal se dá em nossas relações com Maria. Elas constituem como que uma vida nova que os autores espirituais tão justamente chamaram: "a vida de união com Maria".

E quem poderá dizer tudo o que esta vida contém de consolador, eficaz e heróico?

Viver unido a Maria, ter continuamente o olhar virginal fixo sobre nós, cercar-se desta atmosfera de modéstia, de bondade, de prece que emana da Virgem como emanam do sol a luz e calor, que vida, que plenitude de vida!...

A vida, por vezes, parece dura. Dores inconsoláveis, lutos irreparáveis encerram uma existência em um como sudário fúnebre que fecha o coração a todas as alegres expansões, isola a alma de todas as alegres expansões, isola a alma de todos os festins da felicidade.

É que no meio da peregrinação da vida falta um coração, um olhar, um sorriso de mãe.

Oh! como Deus conhecia o coração do homem, quando, com a Sua palavra toda amante, dizia à humanidade desconsolada, na pessoa do discípulo amado: "*Eis a vossa mãe!*". Uma mãe! É necessário uma mãe!

Ó meu Deus, dai a todos uma mãe, e quando desaparecer desta terra aquela que nos deu a vida, fazei que lá no céu os nossos olhares encontrem, com mais amor ainda, aquela que nos deu a vida sobrenatural e que tanto mais é nossa mãe, quanto mais urgente forem as nossas necessidades e mais profundas as nossas dores.

Se soubéssemos viver essa vida de intimidade com nossa celestial mãe, como vive aqui na terra a criancinha com a sua mãe, como seria mais intensa e mais sólida a nossa vida espiritual e mais rápido e fácil o nosso progresso!

Entre estes íntimos do coração de Maria devem-se colocar em primeira linha as almas religiosas, que são as amigas da Virgem, Suas amigas de coração. *"Nosso Senhor dizia aos Seus apóstolos: Não vos chamarei mais servos, mas meus amigos; e um dos santos padres, arrebatado de admiração, ao ler esta palavra, exclama: 'Pode-se imaginar algo de mais glorioso e mais sublime do que ser chamado e ser em verdade amigo de Jesus Cristo?...'"*

Eis que a compassiva Mãe do Salvador Se digna também chamar-nos Seus amigos, a nós, sobretudo, que vivemos na intimidade de Jesus e consagramos toda a nossa vida ao Seu santo serviço. Ela procede para nós como a mais delicada, a mais fiel, a mais terna das amigas.

Assistência, consolações, socorros, atenções delicadas, providências afetuosoas, indulgência sempre segura, mesmo após nossas ingratidões perpétuas, liberalidade, quando correspondemos à Sua doce amizade; e tudo isso Ela nos dá, como prova de ternura, e isto é um inestimável tesouro.

Ó Maria! quem seria capaz de conhecer os recursos incomparáveis que Vosso coração reserva às almas consagradas ao Vosso Filho? Jamais deixareis de ser-Lhes companheira assídua durante toda a vida.

Vós as sustentais, se estão acabrunhadas pela fadiga; se elas se extraviam, Vós as guiais; Vós as consolais, se elas estão na tristeza; Vós as fortificais, se estão abatidas; Vós as defendeis, se são acusadas.

Não há sequer um só benefício cujo princípio é a amizade, que não recebéssemos de Vós com uma bondade, graça e constância que a amizade mais santa jamais conhecerá entre os homens. (R.P.Girand: Vida de união com Maria)

Como, pois permaceremos nós insensíveis à lembrança de tantas ternuras?

O amor exige o amor, o coração chama o coração...

Seja, pois, o nosso coração todo de Maria! Sejamos os Seus filhos dóceis, generosos; sejamos sobretudo os Seus íntimos; sejamos os amigos de Seu coração; vivamos da vida de união com esta Mãe admirável.

VII- PRINCÍPIOS DESTE AMOR

Maria amada de Deus! Maria radiante de toda a expansão, de toda a união e de toda a ternura que um Deus tem à Sua Mãe!

Deus irradia em Maria, tal o sol brilha no límpido cristal de um mostruário; assim também Maria resplandece nas almas daqueles que Deus Lhe deu como filhos. Contemplemos um instante os irradiações de amor do coração de Maria para com todos os homens.

Vejamos os princípios deste amor, que não deixarão de excitar-nos a uma confiança ilimitada e a um amor recíproco para com a doce e amantíssima "arrebatadora dos corações".

"O primeiro princípio deste amor é a Sua união à divindade".

Antes mesmo da encarnação, a Sua alma imaculada unia-se tão perfeitamente ao nosso Pai celeste, que identificava-se a Sua vontade com a vontade divina e o Seu amor com o amor de Deus.

"Por que é que amamos tão pouco? por que é que o nosso amor é tantas vezes lânguido e mesquinho? - Porque penetramos apenas de um todo superficial e intermitente nos desígnios de Deus e no Seu amor. Há almas que nunca saem de si mesmas, e por isso para com elas permanece triste e desolado o horizonte de seu amor. Para outras, dotadas de um coração melhor e mais generoso alarga-se o horizonte e elas amam com maior dedicação". (Ch. Sauvé: O culto do coração de Maria)

Mas, onde se encontrará um coração que saiba dilatar-se a ponto de amar todos os homens e de amá-los com um amor que não conhece nem ingratidão, desfalecimento ou sombra?

Este coração único é o coração de um Deus. E é este coração que resplandece em uma pessoa divina, Jesus Cristo, e por Ele em uma pessoa humana, Maria Santíssima.

Oh! como o mundo se sente bem no coração da Virgem Santa! Deus Lhe comunicou sem medida o Seu próprio amor para conosco. Ele amou tanto ao mundo, que Lhe deu o Seu Filho unigênito.

Pela salvação do mundo Maria deu este mesmo Filho que é o Seu Juiz; nEle o Pai pôs todas as Suas complacências, e, entretanto, Ele o sacrifica por nosso amor.

Que haverá de mais revelador do amor de Deus para com os homens?

E as complacências de Maria para com este Filho muito amado imitam e retraçam as complacências do Pai; e, entretanto, Ela o dá como Vítima ao mundo.

Como trabalham e operam juntamente para os homens o amor paternal do Pai e o amor maternal de Maria!

Quem, pois, avaliará a fusão do amor do Pai com o amor da Virgem? Sua vigilância e solicitude, e a vigilância e a solicitude de Maria para cada alma?

Satã, o grande inimigo do gênero humano, encontrará uma criatura que, por falta de amor à imensa posteridade que dela deveria nascer, levou-o à perdição total, arrastando ao pecado o pai do gênero humano.

Deus, nosso grande amigo, encontrou em Maria uma criatura capaz de compreender o Seu imenso amor. Compreendeu-o Maria. Por isso, participou de todos os mistérios de Seu Filho. (Cfr. Ch.Sauvé: op. cit.)

"O segundo princípio do amor de Maria para conosco é a Sua união à humanidade do Filho, que A incluiu em todas as Suas disposições, em todo o Seu amor para com os homens".

Que mundo inesgotável de maravilhas não foi constituído por esta reciprocidade silenciosa e tão amante entre o Coração de Jesus e o coração de Maria; e isto durante os anos de Sua vida em Nazaré, durante a vida pública, dolorosa e gloriosa do Redentor!

Que irradiação entre estes dois corações!... Como se irradiam, se penetram e se unificam no amor!...

Mas esta correspondência de amor não se limita somente a Jesus e a Maria!

Estes dois amores se encontram em nós ao mesmo tempo que estão neles.

Jesus ama a Maria com um amor soberano: Ela é a Sua muito amada por excelência; mas além de Sua Eva imaculada e santíssima, Jesus tem amor a todas as almas que deverão nascer do Seu sacrifício. Para Maria, Jesus é o bem amado por excelência, o único que ama e adora com tudo o que é.

Mas, com Ele e nEle, Ela ama a todas as almas, a quem dá o ver, ouvir e viver.

Se algumas vezes dizemos que Maria ama exclusivamente a Jesus, queremos somente com isto significar que, amando-O profunda e integralmente, ama pelo mesmo fato tudo o que é por Ele amado.

Sobretudo Maria ama a Jesus em Seu corpo místico, e uma por uma destas almas pelas quais o Redentor quer morrer, é amada por Maria, com o mesmo amor com que Jesus a ama.

Entre estes dois corações há como que uma fusão de amor, não só para se amarem um o outro, mas para juntamente e com um mesmo amor amarem a todos os homens.

Ele é universal e abrange a humanidade inteira.

Dar-lhe-á Jesus o último traço, tornando-o um amor todo pessoal.

Primeiramente, este amor abracará a São João, e por ele estender-se-á a cada um de nós, para tornar-se verdadeira e perfeitamente maternal.

"O terceiro princípio deste amor é a palavra onipotente do Salvador que a constituiu nossa mãe, e por este fato colocou em Seu coração o amor mais puro, mais forte e mais intenso que jamais houve".

Pois, por meio desta palavra verdadeiramente criadora, o Salvador, e certo modo, desviou para nós o amor de Sua Mãe.

E quando foi que se deu isto?...

- No alto da Cruz...

Pela contemplação das dores, da caridade de Seu Filho e da ingratidão dos homens, o amor de Maria se eleva ao mais alto grau de Seu poder.

Sem a reserva que Lhe impõe a vontade de Deus, vãos seriam os esforços dos homens para impedi-IA de arremessar-se sobre a Cruz, prender-Se ternamente a Jesus crucificado e imolar-Se em companhia do Homem-Deus, cujo coração e cuja imensa caridade mais do que nunca Ela conhecia, assim como era conhecedora do mérito que se adquire amando-O.

Ora, neste momento, o coração de Maria, enternecido, atormentado, abrasado de amor, não sabe senão amar.

É neste momento que a Sua alma é como que presa das mais doces emoções, das mais ternas afeições, dos mais violentos transportes.

É neste momento que Jesus A surpreende, alcança-A, e A detém, obrigando-A a desviar para nós este sentimento de ternura imensa, de amor veemente, de que Ela é abrasada por Ele, dizendo-Lhe:

"Eis aí o vosso filho", o que é a mesma coisa como se Ele tivesse dito: Esse sentimento de amor, tão vivo, tão profundo, tão violento, que vos abrasa inteiramente, deveis dirigi-lo para a Minha Igreja e para Meus filhos que aqui estão representados por São João. Cedo-lhes o Meu lugar e quero que os guardeis como a Mim o fizestes, vosso Filho único e verdadeiro".

Depois disso, quem compreenderá a ânsia, a ternura, a veemência e os transportes deste amor que brotaram do Coração de Jesus neste momento em que o Homem-Deus ia morrer por nós?...

Quem nos dirá as maternais solitudes de Maria, o zelo ardente que ela nutre por nossa salvação, a felicidade que Ela frui ao ver-nos fervorosos e piedosos?...

Meditemos às vezes estes três princípios tão sólidos e tão excitantes ao amor.

A união de Maria à divindade - e à humanidade de Jesus - e a Sua união ao sacrifício do Redentor - que a estabeleceu Mãe dos homens e Mãe por amor!

VIII- OS CARACTERES DO AMOR DE MARIA PARA CONOSCO

"Deus havia decretado, diz Santo Afonso de Ligório, que um coração de mãe seria a fonte da salvação, não de uma alma somente, mas de todas as almas".

Este coração de mãe devia ser, pois, a obra de predileção e complacência do próprio Deus, pois nele o Altíssimo devia acumular todos os tesouros e ternuras que a elevariam acima de tudo o que a beleza possui de mais atraente e mais forte.

O amor das mães não é mais do que uma imagem pálida e longínqua do amor de Deus. O amor de Maria, porém, é uma semelhança real do amor do Pai e do amor de Jesus, pois representa-os pela sua própria natureza.

E não é somente por criação que o Pai e o Espírito Santo produziram este amor, como Eles produzem o amor das mães, mas sim por uma comunicação interna de Seu próprio amor.

O amor das mães é, por assim dizer, tirado do nada.

O amor maternal de Maria nasceu de Deus e, como já dissemos, provém da mesma fonte que deu à Virgem o Seu filho.

Deste modo, o amor aos homens participa do amor do Salvador para conosco.

Quem seria capaz de compreender tão tocantes caracteres que este amor deve a esta divina origem?...

Para entressonhar algo de sua beleza, temos o amor materno, terrestre, como termo de comparação, muito imperfeito embora, mas que ao menos, nos pode auxiliar a penetrar nos mistérios do amor de Maria Santíssima para conosco.

Ora, quais são os caracteres do amor de uma mãe ao seu filho?...

Especialmente três: a *bondade misericordiosa*, a *ternura* e a *força*.

O primeiro caráter é a *bondade misericordiosa*.

Mais adiante desenvolveremos este consolador assunto, como fonte de inumeráveis benefícios com que nos mimoseia o coração de nossa mãe...

Aqui mostraremos somente esta inclinação para a infância, pois, tratando-se de amor, todos nós somos crianças.

A primeira atitude de uma mãe é enternecer-se e inclinar-se, amorosa, com uma dedicação sem reserva, para a criancinha que vem ao mundo tão desprovida e tão fraca.

Falta-lhe tudo. É preciso que sua mãe veja e ouça por ela. Não há miséria mais impotente que a sua. O primeiro caráter de amor maternal de Maria para conosco é ser ele um amor misericordioso.

Na ordem sobrenatural, mais ainda que na ordem natural, precisamos nós, antes de tudo, de comiseração, tanto para as nossas fraquezas, para nossas próprias misérias físicas, quanto e, sobretudo para nossas ilusões, nossos erros e pecados.

Ora, o amor de Maria é puramente misericordioso, porque Sua maternidade não vem castigar, mas somente santificar e consolar.

E não há miséria que Ela não queira socorrer e curar.

Se Ela sente compaixão à vista de qualquer imperfeição dos justos, muito mais viva ainda é a Sua comiseração para o horrível estado dos pecadores.

“Ó Virgem bendita, exclama Santo Afonso de Ligório, por Vós encheu-se o céu, por Vós muitos evitaram o inferno; por Vós ainda foram reparadas as ruínas da Jerusalém celeste e a vida espiritual dada aos desafortunados que a esperam”.
(S. Afonso de Ligório: *Glórias de Maria*)

Chama-se ternura esta sensibilidade delicada, esta atenção extremosa, graças à qual as menores alegrias do objeto amado nos deslumbram, seus mais leves sofrimentos nos contrastam profundamente, suas ingratidões nos transpassam de dor.

Tudo isto se encontra no coração materno, e em um grau intensamente superior se encontra no coração de Maria, pois, para compreendermos a ternura deste coração, é preciso elevar-nos à ternura infinita de Deus.

Com efeito, por Sua maternidade, a incomparável Virgem participa da ternura infinita do Altíssimo. Depois da compaixão, o que domina no amor de Maria é a *ternura*.

Em Seu coração, tanto quanto é possível em uma criatura, revive a ternura perfeita de Deus, a quem interessam perfeitamente todos os nossos bens.

À comiseração e à ternura o amor materno alia a *força*.
A força do amor materno é verdadeiramente maravilhosa.

Não somente a águia, o tigre ou o leão são prodígios de energia, quando ameaçados os seus filhotes, mas também uma mãe sabe afrontar os maiores perigos e a própria morte se seus filhos.

Entretanto, embora seja o amor materno o mais forte, mau grado as suas energias, ele também é fraco!
Mas em Maria encontra-se não só a força amante, mas ainda o poder do amor materno.

O amor de Maria transborda de um amor materno onipotente que Deus tirou de Seu próprio coração e com que enriqueceu o coração de Sua Mãe. E o que há de mais sublime neste amor é que ele se dá sem reserva a todos e a cada um em particular. A cada um de nós Deus ama em particular, como se somente a nós tivesse que amar.

Ora, o amor de Maria é uma comunicação, uma derivação à parte e única do amor paternal de Deus.

E pelo fato deste amor maternal de Maria não ser simplesmente um amor criado, mas antes uma comunicação do amor do Padre eterno e do Espírito Santo, ele é antes de tudo sobrenatural e pode aplicar-se a cada um de Seus filhos: ele nos segue sem cessar, por toda parte, em todos os perigos, em todas as nossas provações e trabalhos.

E conservando este caráter todo particular e individual, o amor de Maria, semelhante ao amor de nosso Pai celeste, estende-se a todos os homens, abrange em um só devotamento a todos os Seus filhos, sem reserva alguma, pois Seus filhos são a humanidade inteira.

Na mais perfeita visão beatífica, Ela vê os seus sofrimentos, seus perigos e suas chagas.

Oh! não deveria este amor de nossa admirável Mãe para com os homens em geral ser um objeto de delícias?...

Como não concluir que o coração de Maria, sob o abrasamento do amor materno, ama a cada um de nós em particular e de um modo infável, sabendo-se que ele, segundo a palavra de Santo Afonso, foi feito expressamente para nos amar, como o foi para amar a Jesus, e que sempre foi plenamente fiel a essa predestinação que constitui toda a razão do Seu ser?...

Oh! repetamos sempre: Maria nos ama com um amor maternal, com o amor mais delicado, mais terno, mais devotado e mais misericordioso.

Que ao pensamento desta grande verdade possa despertar e inflamar-se o nosso amor filial e que em nós o amor de Maria domine todo o amor criado, para que os nossos corações se apeguem a esta infável beleza, sempre antiga e sempre nova, que é o coração de uma mãe, a gloriosa Mãe de Deus e dos homens.

A BELEZA DO ESPÍRITO E DO CORPO DE MARIA

I- O ESPÍRITO DE MARIA

"Maria sobrepujava em beleza todos os seres visíveis.

E assim devia ser, pois Ela fora destinada a tornar-Se o Tabernáculo vivo d'Aquele que o universo inteiro é incapaz e indigno de conter".

(São João Crisóstomo: Op. imperf.)

Uma das condições da beleza perfeita, da beleza ideal, é a relação e a proporção exata entre as diferenças faculdades do homem, entre o seu corpo e sua alma.

Em Maria admiramos uma alma ornada de todas as virtudes e um coração transbordante do mais profundo amor.

Resta-nos ver o espírito da Virgem, o espírito mais nobre e mais admirável que jamais houve, depois de Jesus Cristo: inteligência ornada dos conhecimentos mais variados e mais profundos.

Primeiramente, consideremos estas maravilhas interiores; em seguida, contemplaremos, por um instante, a beleza corporal de Maria: beleza única, aliás, pois era o reflexo de uma alma, de um coração e de um espírito acima de tudo o que podemos imaginar.

São João Damasceno, no seu primeiro sermão sobre a natividade da bem-aventurada Virgem, chama-A "a boa graça da natureza humana".

São Jorge de Nicomédia exclama: "Ó mais bela e mais agradável de todas as belezas - Ó Virgem santa, ornamento inigualável de toda beleza!" (Serm. de Oblat. B.Virg.)

Ricardo de S.Vítor louva-A, dizendo que "Seu rosto é tão angélico quanto a Sua alma".

Confirma-o São Gregório Nazianzeno, dizendo que "em matéria de beleza Ela ultrapassa a todos os outros seres". (Tragédia de Cristo paciente. 25º)

Outro tanto a Seu respeito proclamam todos os doutores, enobrecendo-A até, pois dentre eles muitos chegam a dizer que, ao se reunir à Sua alma para ser elevado ao céu, o Seu corpo era tão belo e tão proporcionado, que não foi necessário corrigi-lo ou reformá-lo, como todos os outros, mas, no estado em que se achava, foi capaz de receber as riquezas da glória e ser revestido da veste da imortalidade.

Mas se Seu corpo era dotado de tal beleza, qual não era a perfeição de Seu espírito?...

Seu corpo tão perfeito, único em sua espécie, era digno de um espírito elevado, nobre e transcendente.

Encontramos razões poderosíssimas sobre a necessidade de um espírito elevado em Maria, na eleição, no ministério e na ação que a bendita Virgem devia exercer, segundo os desígnios de Deus. (Cfr. P.Poire: A tríplice coroa. 5ª estrela, cap. VI)

Como mais tarde Madalena, antes que ela fizesse a escolha pela melhor parte, que é o retiro e a contemplação, o próprio céu havia-a escolhido para este fim, destinando-A às obras da mais sublime contemplação que espírito algum jamais havia praticado.

Além do que nos ensinam os santos doutores, não podemos duvidar, desde que cremos ser Ela a Mãe de Deus.

Disto é preciso deduzir que, pela santificação e pela Sua imaculada Conceição, Deus Lhe deu todos os conhecimentos intelectuais, conformes ao Seu estado, e por isso Ela devia chegar a este grau eminente de contemplação no qual possuía um conhecimento excelso de Si mesma, das criaturas intelectuais, dos mistérios ocultos e das ações morais.

As revelações da divina Mãe foram quase contínuas e também as mais elevadas que tem havido, revelações pelas quais Santo André de Creta a chama: "*fonte de revelações divinas, que não pode ser esgotada*". (Sermo. de Assumpt.)

São Lourenço Justiniano diz que "*elas deviam ultrapassar às revelações de todos os santos, tanto quanto maior havia sido o número de graças que Ela havia recebido, e que estava acima das graças que aos santos deviam ser comunicadas*". (Serm. 5 de Nativit.)

Ora, é certo que elas requerem um espírito claro, penetrante, firme e elevado acima de tudo o que nós podemos imaginar na mais alta elevação de nosso espírito.

Secundariamente, era destinada a fazer companhia ao Filho de Deus, em que estavam ocultos "*todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus*", como diz São Paulo.

Daqui se pode dizer que se não tivesse havido alguma relação ou proporção entre estes dois espíritos, chegar-se-ia à conclusão de que a condição de Nosso Senhor tenha sido desvantajosa, por ter Ele muito tempo necessitado de uma companhia à Sua grandeza, e de que a Santíssima Virgem tenha sido até digna de compaixão, desprovida da capacidade necessária quanto à inteligência dos admiráveis segredos que sem cessar Ele Lhe revelava e que um dia Ela deveria comunicar aos discípulos.

Eis mais um terceiro ofício da Mãe de Deus que Lhe merecia o dom de um espírito elevado: a Sua qualidade de soberana da Igreja: "*Ela havia sido proposta aos apóstolos e discípulos do Salvador, diz muito bem Santo Anselmo, para repetir-lhes e explicar-lhes o que Ele lhes havia ensinado, e o que o Espírito Santo lhes revelava e que evidentemente Ela compreendia melhor do que eles*". (Lib. 2 de excell. Virg. c. 7)

Eis por que os santos A chama "*a mestra dos apóstolos*" e Santo Inácio "*amestra de nossa religião*" (Epist. I).

Como poderia Ela preencher esta missão tão importante para com a Igreja, se não tivesse recebido de Deus um espírito sublime?

Sustentá-lo seria dizer que se pode voar sem ter asas, ver sem olhos e ouvir sem ouvidos.

Finalmente, consideremos os atos de heróicas e extraordinárias virtudes que Ela devia praticar.

Estes atos são singularmente avantajados e mais facilitados aos espíritos dotados de uma inteligência viva, como se verifica entre os maiores doutores da Igreja. Eles aliaram ao seu eminente espírito e à sua doutrina uma virtude não menos extraordinária e imensamente acima daquela que é comum aos homens.

"*Livre de tudo o que é criado, diz a venerável Joana de Matel, o espírito de Maria se achava sempre pronto a corresponder-lhe. Era uma mesma carne com o Verbo encarnado, como era um mesmo espírito com a Santíssima Trindade. Ela se unia a Deus de todo o Seu coração e de toda a Sua alma, pois nela e em Seu seio bendito o Verbo divino havia tomado a Sua humanidade santíssima*".

Digamos, pois, sem receio que Maria, tão magnificamente dotada, em relação ao espírito como quanto ao coração, estava certamente em estado de corresponder aos desígnios adoráveis do Altíssimo, quando foi chamada por Deus à dignidade de Mãe de Deus, criatura privilegiada, prodígio do Seu poder, de Sua sabedoria e de Seu amor.

Quem jamais poderia avaliar os transportes inefáveis de amor e reconhecimento que fizeram pulsar de alegria o coração da Virgem, na hora em que a Sua alma, contemplando-Se a Si mesma, considerou o poder e a profundidade de espírito com que a bondade infinita Se aprouve em orná-IA!

E nós poderíamos ficar insensíveis a este espetáculo?...

II- OS CONHECIMENTOS DE MARIA

Bem se pode compreender que um espírito lúcido e elevado como o de Maria deve ter sido dotado dos mais variados e mais extensos conhecimentos.

Entretanto, penetremos melhor neste assunto e vejamos quais eram exatamente esses conhecimentos.

Distingue-se o *conhecimento natural* adquirido pelas luzes da razão, e *conhecimento sobrenatural* que nos dão luzes da revelação e da fé.

Os conhecimentos naturais são: os *infusos por si mesmos*, quando é impossível ao homem adquiri-los, embora não ultrapassem a ordem da natureza; ou então, são *infusos por acidente*, quando Deus os dá, embora possamos também adquiri-los; ou ainda *conhecimentos experimentais*, para os quais é necessária a experiência.

Estas três espécies de ciências naturais se acham reunidas na humanidade do Salvador. Mas encontrar-se-iam elas também reunidas em Maria?... E em que grau?...

Não podemos decidir a controvérsia levantada sobre esta dupla questão, mas podemos, ao mesmo, expor as duas asserções seguintes, admitidas por Suarez e pelos teólogos de sua escola.

1. Esta fora de dúvida que a Mãe de Deus devia receber, por infusão divina, o pleno conhecimento das ciências naturais, para possuir sempre um proceder prudente, e ter uma inteligência perfeita a respeito das Escrituras e dos mistérios da fé.

2. Maria possui conhecimentos, até naturais, mais profundos e variados do que qualquer outra criatura humana, porque tinha funções mais nobres e em que eram úteis estas luzes.

Mas nem o Seu cargo, nem a Sua dignidade, nem a Sua glória parecem ter exigido um conhecimento universal de todas as artes mecânicas, de todas as ciências práticas ou especulativas.

De fato, várias dentre estas ciências não Lhe teriam sido de nenhuma utilidade, e, por conseguinte, poderiam ter-Lhe faltado.

Eis a opinião geralmente seguida. Abalizados autores, apoiando-se sobre o fato de não se poder negar a Maria nenhuma qualidade da natureza ou da graça, conveniente à maternidade divina, dizem que Ela foi dotada de todas as ciências conhecidas pelos anjos e homens, de todas as luzes proporcionadas a Jesus Cristo como homem e, por conseguinte, que Ela recebeu uma ciência infusa universal, a ponto de conhecer tudo o que diz respeito aos espíritos e aos corpos, e de possuir todas as luzes matemáticas, físicas e até mecânicas.

Entretanto, pode-se perguntar, com razão, se esta vasta enciclopédia de todas as ciências e de todas as artes tinha alguma utilidade para Maria, se convinha às Suas funções, se era um elemento de santidade ou era de utilidade para o Seu sublime ofício.

Poderia uma ciência universal da criação servir para realçar o Seu mérito e Sua glória durante a Sua vida mortal?...

É o que não se vê claramente.

A sabedoria de Maria Santíssima era tão perfeita, o Seu juízo tão são, Sua razão tão reta, que nunca em Sua inteligência se insinuou um só erro, que se pudesse chamar defeito; nunca um juízo mal fundado, e, sobretudo, nunca um desejo desregrado.

Ela não sabia tudo, mas sabia sempre o que Lhe convinha saber; ela podia aprender, sem ter sido ignorante.

"A lua, diz São Bernardo, é o emblema de uma razão inconstante e de um juízo mutável e confuso. Colocamo-la sob os pés desta prudentíssima Virgem, cuja vista sempre clara e límpida nunca foi obscurecida pelas nuvens do erro".

Esta luz racional, isentada de qualquer imperfeição, foi-Lhe dada por Deus, para auxiliar as operações de Sua inteligência na ordem sobrenatural. Quanto às luzes sobrenaturais de Maria, compreende-se que elas ultrapassam a tudo que foi ortogado às demais criaturas.

Desde Sua concepção imaculada, Ela recebeu, pela fé, como os anjos e Adão, conhecimento explícito do mistério da Santíssima Trindade. Ela conheceu também, como eles e melhor até do que eles, o mistério da Encarnação quanto à sua substância.

O ensino de diversos doutores vem cada vez mais realçar este conhecimento já tão sublime.

O Espírito Santo foi o Seu mestre e Lhe comunicou o primeiro conhecimento dos mistérios e dos dons que devia conferir às almas. Que, pois, não deve ter aprendido a Virgem na escola de um tal preceptor?... Quantas luzes não deve ter feito resplandecer o coração e o espírito de Sua Bem-Amada!...

Maria Santíssima foi instruída também pelos anjos, sobretudo pelo arcanjo Gabriel, antes da concepção de Seu Filho.

Segundo o parecer de São Bernardo, Maria Santíssima tivera colóquios com os anjos no templo. E, com mais razão ainda, com que complacência não se entretiveram com Ela os anjos, quando Se tornou Mãe de Deus feito homem?

Mas o grande meio de que Deus Se serviu para cumular das mais vivas luzes a alma de Sua Mãe, foram as revelações especiais que Lhe fez, fora a visão clara com que Deus A favoreceu.

Sem dúvida, Maria não foi favorecida da visão clara e intuitiva da divindade de um modo permanente; pode-se, porém, supor que Maria a gozasse de tempos em tempos. Ao menos, está é a opinião de Santo Antonino, Santo Alberto Magno, São Bernardino de Sena, Gerson, Salazar, São Pedro Canísio, Vega, Suarez, de Rhodes, Santa Brígida, Maria d'Agreda, etc.

Compreende-se que estas autoridades estão longe de serem desprezíveis; citemos simplesmente o raciocínio de Suárez.

Segundo um provável sentimento, diz ele, São Paulo e Moisés, revestidos de seus corpos mortais, teriam gozado da visão beatífica. Ora, o que é provável, tratando-se destes ilustres amigos de Deus, não seria mais provável e admissível ao se tratar de Maria, Mãe de Deus, à qual é impossível recusar um privilégio de graça, concedido a uma outra criatura?...

Confesso, diz ainda o mesmo teólogo, que me parece mais provável que nem São Paulo nem Moisés viram intuitivamente na terra a divina essência.

Sem negar-lhes, porém, este favor, sou levado a crer que ele foi concedido mais de uma vez à bem-aventurada Virgem, por exemplo, no dia da Encarnação e do nascimento do Cristo, em razão da dignidade incomparável da maternidade divina, à qual Ela havia sido elevada, ou ainda no dia da Ressurreição, em recompensa da excessiva dor que Lhe dilacerou a alma, durante a Paixão segundo a disposição da divina sabedoria.

A esta visão beatífica juntavam-se ainda as revelações propriamente ditas, e, além disso, colóquios com o Verbo encarnado.

A visão beatífica é também uma revelação feita no Verbo, e não é outra coisa do que a visão intuitiva dos bem-aventurados no céu.

Acabamos de dizer o que os santos pensam a respeito destes dons de Deus em Maria. Quanto às revelações, por conhecimento abstrativo, Maria foi delas dotada em um grau único.

Disto não se pode duvidar.

Este benefício das revelações, indício do amor divino, penhor precioso de familiaridade com Deus, foi, desde todos os tempos, a partilha das almas eminentemente santas, sobretudo das virgens e das contemplativas.

Quem ousaria crer que a Virgem Maria tenha sido menos favorecida?

Temos já indicado, segundo os santos padres, os seus misteriosos colóquios com os anjos, no templo de Jerusalém.

Por ocasião da concepção do Verbo encarnado, Ela recebeu dos lábios do arcanjo São Gabriel esta magnífica revelação, transmitida por São Lucas, e neste momento, diz Santo Anselmo, Ela conheceu, por uma revelação certa, que era predestinada ao céu, e que o Seu trono estaria acima de todos os coros de anjos.

Depois da Encarnação, entre outras revelações, que nos são desconhecidas, pode-se imaginar que o sentir geral dos autores é que Maria recebeu a primeira aparição de Jesus Ressuscitado, que Ela O viu várias vezes em Sua glória e que, mesmo depois da Ascensão, Ele não deixaria de visitá-IA muitas vezes, e de instruí-IA acerca dos mais profundos mistérios.

Eis alguns dos principais conhecimentos que ornaram esta inteligência sem par na terra.

Quando entre os homens aparece um homem, cuja fronte se cinge a auréola do gênio, e cujos atos denotam uma inteligência perspicaz e superior, os homens de valor a ele se dirigem, e então constitui uma escola, e torna-se um guia nas sendas árduas do dever e não se saciam de ouvir esta voz, cujos acentos parecem ser o eco de um mundo maior e mais elevado.

E Maria, a incomparável, a inefável Maria, com a Sua inteligência tão sublime e - perdoem-me a expressão- com o gênio tão luminoso quanto era santa a Sua alma e amante o Seu coração, Maria, cuja fronte é cingida de todos os conhecimentos e de todas as glórias, não seria também um cetro de atração, um guia, uma luz, enfim?...

Ó Maria, ante tanta beleza, diante de faculdades tão divinamente iluminadas, eu me prostro, admiro, sinto o meu coração abraçar-me e amar-Vos como o único objeto, depois de Jesus, que possa fixar as minhas afeições e possuir o meu coração!

III- A CHAVE DOS CORAÇÕES

A verdadeira beleza - já o dissemos no início deste quarto motivo - é a beleza da alma, é a virtude. Ora, a virtude é o verdadeiro e o bom; portanto, fora dela, tudo é mentira ou erro.

É verdade que a beleza da alma, do coração e do espírito é uma qualidade abstrata, que não cai diretamente sob os nossos sentidos; por conseguinte, ela nos impressiona menos que uma qualidade exterior ou mais tangível.

Nada há comparável com o homem interior, o contemplativo até à alma, e se deixa encantar e cativar pelo íntimo. O comum dos homens ignora demais o gozo destas belezas e permanece demais na superfície, não se deixando impressionar senão pelo que podem perceber, donde se segue que a beleza exterior se torna "a chave dos corações".

E Deus, que quis fazer de Maria uma "*arreatadora dos corações*", como diz S.Bernardo, devia dar-lhe ainda este encanto, este atrativo, a fim de que todos os corações se abrissem à Sua presença e se sentissem cativos desta pura e inefável beleza.

Se, entre nós, toda alma verdadeiramente grande aparece, por assim dizer, sobre o rosto e lhe transfigura os traços; se à medida que nos tornamos mais perfeitos, se reflete sobre a nossa fronte uma beleza sobrenatural que comove, que não deveria ser desta fisionomia em que apareceu a alma mais nobre que houve depois que Jesus Cristo; o que não deveria ter sido este olhar em que brilhavam a majestade na humildade e a doçura na força; o que não deveriam ter sido estes lábios em que se ostentavam a bondade e a mais condescendente benevolência?...

Inteligência profunda, coração incomparável, espírito superior e tudo o que encerra a beleza moral, aliado ao que a beleza física tem de mais expressivo e mais atraente, não era este o apanágio e auréola sagrada da pura e imaculada Mãe de Jesus?...

Sim, havia harmonia perfeita entre as luminosas perfeições interiores e Sua expressão visível no exterior. E teria faltado qualquer coisa à excessiva nobreza de nossa Rainha, se os Seus membros não tivessem possuído o encanto exterior pelo qual os homens se deixam vencer facilmente, e se não tivesse tido, para chegar aos corações, esta chave mágica que lhe dá tão facilmente acesso?...

Como é bela a alma imaculada de Maria, passando através do corpo, irradiando-se nos traços de Seu rosto, como um raio de sol através da folhagem das árvores, pois Deus, na Sua industriosa sabedoria, quis que a nossa carne, por vil e grosseira que seja, tivesse, entretanto, esta glória de se deixar penetrar pelo espírito. Ela não é o invólucro opaco de uma luz absolutamente oculta, mas, trabalhada por Deus, ela se espiritualiza e se esvazia e se torna diáfana.

Nela Deus prepara aberturas secretas pelas quais a alma vem à luz. Com que alegria nós saudamos sobre um rosto amado esta aparição da alma! Da alma, digo, que se revela tão terna e luminosa no olhar, tão casta e pensativa nos contornos da face, tão compassiva e carinhosa num não sei quê de Seus lábios, tão graciosa no sorriso, tão indefinidamente misteriosa neste conjunto que chamamos "a expressão".

A expressão: isto é, a alma, o coração e o espírito vistos através de um véu e se desembaraçando deste véu incômodo para irradiá-la até ao âmago dos corações, para aí levar o seu reflexo e gravar a sua imagem.

Oh! sim, esta beleza era a Vossa, ó encantadora Mãe. Tudo o que havia em Vosso coração de amor puríssimo, de bondade, de generosidade, de heroísmo, de resignação, de piedade e de caridade para com os homens, se devia reunir em um único fecho de viva luz; e qual não devia ser o brilho desta luz inefável, manifestando-se no Seu olhar e aflorando aos Seus lábios?...

Quem tentará dizê-lo? Já é muito imaginá-lo.

Sem o querer e quase a meu pesar vem o espírito um pensamento e, se não houvesse dissonância entre o nome do autor e o assunto de que tratamos, quereria colocá-lo: é de Platão.

Há uma simpatia íntima, diz este filósofo, entre a pureza, a verdade e a beleza; o que é mais puro é essencialmente o mais verdadeiro e o mais belo.

Não é isso um resumo da beleza de Maria?

Que pureza encontramos nós na Virgem e, portanto, que beleza!
Sua beleza era mais divina que humana.

Os sentimentos que Ela inspirava às almas deviam ser celestes.
Ela tinha a virtude da beleza.

O grande S. Dionísio Areopagita, tendo estado à presença da Santíssima Virgem, ficou de tal modo deslumbrado pelo esplendor da beleza e da majestade que resplandeciam de Seu rosto, que caiu por terra. Tendo, em seguida, voltado a si, alegrou que, se São Paulo não lhe tivesse ensinado um outro Deus e que se a fé não o tivesse feito já adorar, ele teria crido firmemente que a divindade não podia ter escolhido outra sede na terra do que a fisionomia desta santa soberana.

A respeito desta consideração, exclama Santo Anselmo: "*Ó Virgem santa, Vossa beleza é tão rara que se diria não terdes sido criada, senão para deslumbrar os corações daqueles que contempláveis. Ó Virgem admirável e admiravelmente única!*" (Liber. Orationum)

"À exceção de Deus, já antes dele, dizia Santo Epifânio, *Ela sobrepuja todo o resto em beleza. Ela está acima dos querubins e dos serafins e foi ornada da mais perfeita beleza*".

São Bernardo vai ainda além e diz que "*a beleza da Santíssima Virgem, tanto da alma como do corpo, é tão grande, que chegou a cativar a afeição do Rei da glória*". (Serm. de S.Delp.)

Santo Agostinho, enfim, exclama com admiração: "*Ó Maria, depois do celeste Esposo, sois toda beleza e toda agradável, toda glória, sem mácula, ornada de toda beleza e enriquecida de toda santidade*". (Serm. de Incarnat. Christi)

Que poderíamos acrescentar a tais encômios?...

"*Pode-se, pois, sem medo de errar, como diz o Pe. Bethier, reconhecer-Lhe todos os dons da natureza, que Deus concedeu a todas as criaturas, pois não se pode crer nem é piedoso pensar que o Senhor, que é tão liberal em Seus dons para com os mais ínfimos seres, se tenha mostrado avaro para com a Sua divina Mãe*". (A Virgem Maria)

Portanto, Ela era bela, possuindo todos os encantos da natureza e da graça. Tudo o proclama!

Aliás, todas aquelas criaturas que A figuraram na Bíblia eram amáveis e fortes. Ela própria devia ser o símbolo de todos os encantos e de todos os esplendores da virgindade, da humildade e da força.

Necessário foi, pois, que houvesse razões bastante poderosas, para que a beleza de Sua alma não fosse de modo algum visível em Seus traços e que um organismo estiolado servisse de suporte a estas energias sobrenaturais.

"*Não há dúvida alguma, dis Santo Alberto Magno, que, assim como o Seu divino Filho era o mais belo dos filhos dos homens, Maria tenha sido a mais bela das filhas de Eva. Ela era dotada de toda a beleza de que é suscetível um corpo mortal*".

Os santos padres e doutores são como inesgotáveis, ao falarem de Maria. Aliás, o Espírito Santo resumiu-os todos, ou, antes, eles todos não são mais que o eco longínquo da palavra do Espírito Santo: "*Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te. Sois toda bela, ó minha muito amada, e em vós não há mácula alguma*".

A beleza, já o dissemos, é a chave dos corações.

Oh! possa a celestial beleza da Virgem Maria fazer impressão sobre o nosso coração, abri-lo todo à dedicação e à inteira veemência de amor que deve suscitar a Sua beleza e a Sua graça: "*Specie tua, et pulchritudine tua, intende, prospere procede, et regna!*"

"*Pelo aspecto de Vossa beleza, ó Virgem Santíssima, vinde e reinai sobre nós!*"

IV - O RETRATO DE MARIA

Traçar o retrato da Virgem Maria - não seria isso uma temeridade sem nome?... Como poderemos reproduzir a celeste fisionomia daquela que excede a toda beleza que se possa imaginar?...

Um dia, num arrojado de seu gênio, Fra Angélico quis representar-Lhe na tela os traços incomparáveis.

Ele tentou pintar a Anunciação.

O ideal cintilava ante o seu espírito, mas, na impossibilidade de reproduzi-lo, foi lançar-se aos pés de sua doce Mãe, e esta, tocada pelas lágrimas do Seu filho amoroso, fez acabar pelos anjos o quadro começado.

Ó doce e terna Mãe, assim como *Fra Angélico*, vinde também esboçar o quadro de Vossa beleza, para que Vossa fisionomia de Virgem e de Mãe atraia os corações e em todas as almas viventes a chama ardente do amor.

Nenhum retrato, nenhuma descrição completa nos transmitiu ainda a fisionomia da Santíssima Virgem. Mas nos escritos dos primeiros doutores e de quase todos os santos se encontram palavras autorizadas que, confrontadas entre si, permitir-nos-ão entrever algo deste doce e simpático semblante de nossa Mãe.

Santo Epifânio diz que Maria tinha uma estatura um pouco acima da mediana (*De laudib, Virg. I*). A Sua face, de forma oval, era de notável fineza e de perfeita simetria em Seus traços.

São Nicéforo compara a cor do Seu rosto ao frescor do trigo sazonado, apresentando, assim, uma cor róseo-pálida (*Lib. 2 Hist., c. XXIII*). Os Seus dedos eram longos, e tudo em Sua pessoa era bem proporcionado e repleto de uma gravidade tão doce e atraente, que nada se podia comparar com Sua beleza.

As telas atribuídas a São Lucas, e que datam incontestavelmente dos primeiros tempos do cristianismo, dão-Lhe sempre um colorido de uma notável pureza. Nelas a fronte é elevada, lisa e alva; as sobrancelhas bastante louras e suavemente arqueadas. (*Cedrenus: Comp. hist.*)

Santo Epifânio e São Nicéforo, nas expressões que empregaram para indicarem a cor dos olhos, indicam o azul-pálido. Os mesmos autores assinalam ainda a doçura e irresistível atração do Seu olhar.

Estas representações indicam-nos ainda tendo o nariz e a boca moderadamente delicados, os lábios de róseo carregado, as faces coloridas e o maxilar suavemente arredondado.

Segundo Santo Epifânio, São Nicéforo e São Gregório Nazianzeno, a Sua cabeleira era loura, e eles acrescentam que Maria deixava os Seus cabelos flutuarem livremente sobre os ombros.

As Suas vestes, como as que ainda hoje costumam usar as mulheres da Palestina, eram: a túnica de lã branca ou ligeiramente azulada, cinto de estofado simples, enrolado, véu branco, cobrindo-lhe a frente, flutuando sobre os ombros e descendo até ao solo.

Um cuidadoso asseio fazia sobressair-lhe as vestes mais comuns e lhas se distinguia a humilde Virgem em Suas maneiras e em Suas conversações.

Modesto e circunspecto era o Seu porte, graves os seus passos e sem pretensões; o Seu olhar era doce, firme e límpido e a Sua voz afável e atenciosa.

Um ligeiro e simpático sorriso, testemunho de Sua bondade, aflorando-lhe os lábios. O Seu exterior, irradiando benevolência e candura, inspirava a virtude. A Sua presença parecia santificar o ambiente e as pessoas nas quais poderia irradiar-se a Sua beleza, de tal modo que, ao Seu aspecto, todos os vãos pensamentos da terra se afastavam, como desaparece o orvalho ao raiar do sol matinal.

As Suas palavras eram sempre comedidas, quanto a Sua conversação era calma e nobre, excitando ao bem e à virtude. Todos aqueles que tinham a felicidade se de entreter com Ela não podiam admirar bastante o esplendor de Suas perfeições e de Suas inumeráveis graças.

O mais belo dos elogios que se Lhe pode dirigir está nesta observação de Nicéforo:

"Onde acabava a natureza começava a graça, e o mais elevado grau de beleza que possa ter existido em uma simples criatura era apenas o primeiro grau da graça, pois Lhe estava reservado completar esta obra-prima. Deste modo brilhava um quê de divino em Suas ações" (*Niceph. In ejus ominibus, multa divinitus inerat gratia* - Hist. Eccl. Lib. 2, c. XXIII), e a santidade com que Deus cumula a Sua alma, transparecia nos Seus gestos, em Suas palavras, em Seu olhar e em todos os Seus movimentos" (Henric. de Hassia, apud Barrad. Comentário do Evangelho. Lib . 6, c. 9).

A modéstia brilhava sobre Sua fronte a doçura em Seus olhos, o pudor em Suas faces, a virgindade na alvura nívea de Seu colo, de modo que todas as virtudes haviam nEla encontrado a Sua sede.

"Ela era unigênita de Seu pai e de Sua Mãe, que era estéril, diz São Pedro Crisólogo, para que nós soubéssemos que era menos uma obra da natureza do que uma obra-prima da graça e uma maravilha da mão do Onipotente".

Em uma palavra, os dons da natureza e da graça, que nEla resplandeciam, tornaram-na tão divinamente bela, que teria sido até considerada como sendo uma divindade, se a fé não nos tivesse ensinado que Ela era uma simples criatura, transfigurada pela graça.

Considerando tanta beleza exclama, abismado, São João Damasceno:

"Eu Vos saúdo, ó Virgem dulcíssima; a Vossa graça extasia e cativa a minha alma. Como descrever a nobreza de Vossos traços?... Como exprimir a simplicidade de Vossos adornos?... Como reavivar uma dos mais débeis raios de Vossa beleza?... A majestade que ilumina toda a Vossa pessoa é igualmente realçada e atenuada pela doçura de Vosso olhar. Os Vossos colóquios desalteram e trazem ânimo como tudo o que brota de um coração amante". (Orat. I de Nat. Virg. II)

Aliás, convinha à Santíssima Virgem possuir tão excelente beleza, como já o dissemos, pois Ela devia comunicar ao Seu divino Filho, não somente a natureza corporal, mas também os traços do Seu semblante, e isto de um modo muito mais inefável do que o fazem as outras mães a seus filhos, porque só Ela devia cooperar para a formação do corpo de Seu Filho (Aug. Nicolas).

V- O ESBOÇO DE MARIA PELOS SANTOS PADRES

Não é de admirar, depois do que se acaba de dizer, que os santos padres, unânimemente, chamam a Santíssima Virgem:

- **"A obra-prima da beleza, modelada pela mão do Onipotente, sobre um modelo divino".**
- **"Rosa primaveril de poderosa beleza".**
- **"O espelho da verdadeira beleza".**
- **"O ornamento da beleza em Si mesma".**
- **"A obra que é sobrepujada só por Aquele que a fez".**
- **"O corpo da bem-aventurada Virgem Maria, diz Santo Antoninho, era de uma perfeição absoluta e de uma forma irrepreensível".**
- **"Era dotada, diz São João Crisóstomo, de uma beleza que sobrepuja e que devia sobrepujar todos os atrativos deste mundo, pois que era destinada a ser morada dAquele que o mundo inteiro é indigno de conter".**
- **"Que mácula ou que imperfeição, diz São Pedro Damiano, teria podido desfigurar um corpo que, como um outro céu, era destinado a ser o augusto santuário da infinita perfeição".**
- **"É em vão, acrescenta Gerson, que procuramos descrever a beleza da bem-aventurada Virgem: Ela reunia todas as belezas repartidas entre as criaturas e em um tal grau de perfeição, que, fora Deus, é impossível imaginar uma beleza mais deslumbrante".**
- **"E a razão disto é, diz Bossuet, que Deus, formando o corpo de Maria, teve diante do espírito o corpo do próprio Criador".**
- **"Pois, como deste corpo imaculado devia ser formado o corpo do Filho de Deus, convinha, disse Santo Antonino, que sobrepujasse em beleza ao de todas as outras mulheres".**
- **"Não se pode duvidar, disse Santo Alberto Magno, que do mesmo modo que o Salvador foi o mais belo entre os filhos dos homens, Maria também não foi excedida em beleza por nenhuma das filhas de Eva. Ela foi, pois, dotada de todas as graças naturais de que um corpo mortal é suscetível".**
- **"Tal é a perfeição que brilhava em Maria, disse São Boaventura, que é com justo merecimento que se Lhe aplicam estas palavras da Escritura: "nenhuma mulher Lhe é comparável em beleza, em graça e em sabedoria".**

- "**Jamais**, acrescenta o doutor seráfico, ***jamais aparecerá neste mundo uma beleza semelhante***".

- "**Sois toda bela**, exclama Santo Agostinho, ***Vossa beleza não conhece mancha, e Vossa glória é sem rival. Que digo? não brilhais somente acima de todas as mulheres da terra por Vosso encantos exteriores, mas, pela Vossa santidade, ultrapassais os próprios espíritos angélicos***".

São Bernardo assim confirma os louvores dados pelos santos padres à bem-aventurada Virgem: "**Maria era dotada de uma beleza sem igual, tanto corporal como espiritualmente**"; é, pois, com razão que São Jerônimo disse: "**Considerai, atentamente, a santa Virgem, e vereis que não há absolutamente espécie alguma de graça cujo esplendor Ela não reflita**".

- "**Ornada com as pedras preciosas das virtudes**, disse ainda São Bernardo, ***irradiando um duplo fulgor em Seu corpo e em Sua alma, a Filha dos reis atraía sobre si os olhares de toda corte celeste; e, por Seus divinos atrativos, encantava o coração do grande Rei***".

- "**Mas, a esta beleza exterior, que encanta e eleva os corações, quando Lhes é dado entrever a fugitiva visão, Maria unia incomensuráveis tesouros de graças e de virtudes.**"

A este respeito falamos bastante desenvolvidamente nos capítulos precedentes e é inútil repeti-lo: "**Ela era cheia de graças**, disse Santo Tomás... ***e Sua beleza corporal, por grande que fosse, era apenas um reflexo longínquo, um eco imperceptível da celestial beleza de Sua alma***".

- "**Ela era bela e perfeita segundo o corpo**, disse Santo Antonino, ***mas Sua alma era ainda mais bela***".

Para fazer compreender esta inefável união da beleza corporal, e do esplendor das mais sublimes virtudes, Gerson personifica estas últimas e lhes faz divinizar, de um certo modo, todas as faculdades da Virgem.

A modéstia dirige Seu olhar, a inocência se reflete em Sua fronte, a doçura expande-se por Seus lábios, o amor faz irradiar Seu coração, a pureza esparge em Seu corpo um irresistível atrativo de castas delícias...

Entretanto, são representações alegóricas, que não passam de um sumido eco da linguagem do homem e dos encantos de Maria, pois a beleza da Filha do Rei está sobretudo no interior.

(Nota de rodapé: Todas estas citações foram tiradas de : S. Andr. Cret. Serm. 3 de Dorm, Virg.; S. Bernardo; S. Ant.; B. Alb. Magn.; S. Jorge Nicomed.; S. Pedro. Dam.; Summa, p. 4. t. XV, c.2; S. Petr. Dam.; Trat. 3 Sup. Magn.; Bibli. Mariana Cant. num.2; Specul. B. Virg. Lect. 6; De Incarnat.; S. Bern. Serm. 2 de B. Virg.; Homil. 2 sup. Missis est.; Summa p. 45. n. 15)

Eis quem é Maria; ei-IA descrita divinamente, pelos padres e pelos santos: autoridades irrefragáveis, testemunhas que a fé aceita e que o amor saúda com respeito.

Ei-IA, como nosso coração procura representá-IA: criatura dotada de todas as ternuras e enriquecida de todas as magnificências divinas.

Qual é a causa de tanta glória e de tanta beleza?...

Um só palavra resume a de Jesus e também resume a de Maria: "**Ela era a Mãe de Jesus**". É dEla e nEla que foi formada a suprema e inacessível beleza, um Deus à imagem do homem.

Não tenho mais que um brado em face de tais abismos, aquele que me ditaria meu coração, se a Igreja não o tivesse posto em meus lábios: É um êxtase de amor, é um suspiro de confiança, é, sobretudo, a prece de um coração extasiado:

Super omnes speciosa

Vale, o valde decora!

Et pro nobis Christum exora!

Salve, ó Virgem belíssima, acima de todas as criaturas a mais encantadora, rogai por nós a Jesus, Vosso Filho!

VI- ELA ERA MUITO BELA

Para terminar o quadro que os santos padres traçaram da divina Virgem, citemos um artigo de revistas sobre a beleza da Virgem de Lourdes. (Dom. J.B.Vuillemin)

Estas linhas tão deliciosamente inspiradas acabarão de gravar em nós a imagem da mais bela e da mais suave das criaturas, única digna, no meio da humanidade de cativar e possuir os corações.

"Ela, a Imaculada, era verdadeiramente bela, vestida com Seu traje branco, mais branco que a neve das montanhas, quando o sol vem acariciá-IA com seus raios - ornada com um véu de igual brancura, que deixava apenas perceber os cabelos, cobria as espáduas e descia, para trás, até à orla do vestido.

"Ela, a celeste Senhora, era verdadeiramente bela, com a fronte brilhante de serenidade, o rosto cheio de graça e de juventude, com Seu rosário de contas imaculadas e corrente de ouro suspensa ao braço direito, e duas brilhantes rosas sobre Seus pés nus, velados quase inteiramente pelas pregas graciosas do vestido.

"Ela era verdadeiramente bela; entretanto, nem trazia anel, nem bracelete, nem colar, nenhum desses adereços, desde muito tempo tão caros à vaidade humana.

"Seu único enfeite era o terço. Sua beleza era uma beleza virginal, angélica, divina beleza vinda de Deus e levando a Deus.

"Ela era verdadeiramente bela, pois a vidente entrava em êxtase desde que a aparição se mostrava a seus olhares.

"O mundo material não existia mais para Bernadete. *Sua alma extasiada era mergulhada na contemplação. Sorrisos inefáveis iluminavam Seu rosto, transportes de alegria celeste faziam-na estremecer toda*" (J. B. Estrade).

A menina de tal modo ficava estranha ao mundo visível que a chama do círio podia passar entre os seus dedos sem causar-lhe a menor impressão.

"Ela era verdadeiramente bela, bela *de uma beleza como nunca se viu*, dizia Bernadete; bela, penso, *como se é belo no céu*, dizia ainda.

Quando se procuravam na terra pontos de comparação ou quando lhe citavam senhoras notáveis pela distinção e nobreza de traços, ela respondia quase com acento de piedade: *Elas nada são diante dEla*, tão considerável lhe parecia a distância.

Um dia, interrogada por uma de suas companheiras sobre a beleza da aparição, ela não pode responder, a princípio, senão por uma espécie de êxtase, depois, levada a falar, acabou por dizer: "*Para se fazer uma idéia precisaria ir ao céu*".

Um artista tinha sido escolhido para fazer a estátua de Nossa Senhora de Lourdes. Interroga minuciosamente Bernadete e lhe faz reproduzir a pose, o movimento, os gestos da santa Virgem que arrebataram tantas almas e fizeram derramar tantas lágrimas. Terminada a entrevista, ele não pode se impedir de exclamar: "*Os dados, fornecidos por Bernadete são de um ideal tão puro e tão elevado, que bastam para demonstrar que viu uma beleza do céu*".

O artista foi-se embora, penetrado da grandeza de sua missão; escolhe um bloco do mais belo mármore de Carraca, e com sua piedade e seu talento, começa a realizar o ideal que trouxera de Lourdes. Quando terminou a estátua, foi apresentá-la a Bernadete: "*Ah! é bela, mas não é Ela! A diferença é como a da terra ao céu!*"

Tinha razão, mas o artista estava vencido de antemão, pois preciso lhe era reproduzir com meios emprestados à natureza uma beleza acima da natureza.

Até ao seu último suspiro ficou impressa na alma de Bernadete a imagem de Maria Imaculada.

Alguns dias antes de sua morte, foi introduzida na enfermaria uma criança de seis ou sete anos.

- *Minha Irmã*, diz a criança, *é certo que vistes a Santíssima Virgem?*
- *Sim*, responde com voz baixa e enferma.
- *E era muito bonita?* perguntou ainda a criança.
- *Muito bela*, responde vivamente Bernadete, *e tão bela era que, "quando alguém a viu uma vez, deseja morrer, para ir vê-IA de novo!"*

Morrer para vê-IA ainda de novo! - Oh! que doce palavra.

Talvez não possamos ter a felicidade de aplicá-la a nós, mas ao menos podemos aspirar a morrer para vê-IA outra vez.

Possa a fisionomia da augusta e imaculada Virgem gravar-se indelevelmente em nosso coração, como um ideal e como um centro de atração que não permita desviarem-se as nossas atenções e se fixarem sobre as criaturas, que delas só se apoderariam para as profanar e perder.

Maria, toda amante, e, deveria dizer, toda sorridente, será assim um raio de luz em nossas trevas, um bálsamo par as nossas chagas, um repouso em nossas fadigas e um estímulo à virtude.

VII - O SORRISO DE MARIA

Esta lembrança de Maria não pode deixar de nos cativar os corações e elevá-los ao céu. Mas, para tornar ainda mais doce e atraente esta lembrança, imaginemos a Virgem a esboçar este suave sorriso, que afasta toda timidez e nos dá a impressão de estarmos tratando com uma mãe, com a mais amante das mães.

A este respeito recordamos aqui um episódio das aparições de Lourdes. Trata-se do sr. conde de Bruissard, convertido pelo sorriso da Virgem.

Deixemo-lo narrar o fato. (A grinalda de Maria)

"Estava eu em Cauterets, conta-nos ele, no momento em que se falava tanto das aparições. Não acreditava mais nestas aparições do que na existência de Deus. Era um libertino e, mais do que isto, era um ateu.

Tendo lido em um dos nossos jornais que Bernadete tivera uma aparição, no dia 16 de julho, e que a Virgem lhe sorria, resolvi ir a Lourdes, por curiosidade, e tomar a menina em uma flagrante mentira.

Dirigi-me à casa dos Soubirous, e lá encontrei Bernadete no limiar da habitação, consertando um par de meias pretas. A mim Bernadete pareceu bastante vulgar. Entretanto, o seu aspecto sofredor tinha uma certa doçura.

A meu pedido ela me contou as suas aparições com uma simplicidade e segurança que me impressionaram. Enfim, disse-lhe eu, como é que esta bela Senhora sorria?...

A jovem pastora olhou-me com certo espanto e, após um momento de silêncio, assim falou:

- *Oh! senhor, para reproduzir esse sorriso, seria preciso ir até ao céu.*

- *E não poderíeis vós reproduzi-lo para mim? Sou um incrédulo, e não creio em vossas aparições.*

O semblante da jovem anuviou-se, e tomou uma expressão severa:

- *Então, o sr. julga-me uma mentirosa?*

Senti-me desarmado. Não, Bernadete não era mentirosa, e quase que me pus de joelhos a pedir-lhe perdão.

- *Já que sois um pecador, respondeu ela, eis qual foi o sorriso da Virgem.*

Lentamente, a jovem elevou-se, juntou as mãos e esboçou um sorriso celestial que jamais eu vi em lábios mortais. Sua fisionomia iluminara-se de um reflexo perturbador.

Ela ainda sorria, com os olhos elevados ao céu, e eu estava de joelhos aos seus pés, certo de ter admirado no semblante da vidente o sorriso da Santíssima Virgem.

Desde então conservo comigo no íntimo da alma esta lembrança divina que me enxugou muitas lágrimas. Perdi minha mulher e minhas duas filhas, e me parece não estar só no mundo: *Vivo com o sorriso da Virgem*".

"*Viver com o sorriso da Virgem!*" - Talvez nunca tenhas pensado nesta prática, piedoso filho de nossa Mãe!

E, entretanto, que fonte de pensamento sublimes e luminosos!

Muitas vezes sentimo-nos inclinados à tristeza; nossos ombros curvam-se quase sempre ao peso do acabrunhamento ou do desgosto. Contemplai então o sorriso da Virgem!

Este sorriso é a confiança, é o abandono, é o amor, irradiando sobre a nossa alma e envolvendo-a como que em uma atmosfera de paz e de tranquilidade.

Ó terna Mãe, doravante o Vosso sorriso ilumine a minha vida e presida às minhas alegrias como às minhas lágrimas, santificando as primeiras e enxugando as segundas.

Possa ele, ainda, preservar-me do mal, excitar-me à virtude, guiar-me durante a vida e tranquilizar-me na hora da morte, pois é sob este sorriso suave que quero viver e morrer.

CONCLUSÃO

Ó doce e admirável Mãe, é por uma prece e com os joelhos em terra que deveria terminar esta parte das nossas considerações.

Que maravilhas não encontrei eu estudando a Vossa beleza!

De que íntimas e deslumbrantes consolações não foi inundada a minha alma, ao contato de Vossa alma tão santa, tão pura e tão divinamente bela!

Que chama senti abrasar-me o coração ao sentir o contato do Vosso coração, obra-prima de amor e de ternura.

Com que anelo se elevou todo o meu ser até Vós, ao contemplar Vossos conhecimentos e indizível encanto de Vosso semblante.

Até aqui eu Vos havia admirado; aqui começo então a amar-Vos. Sob o Vosso olhar compreendo a vaidade das belezas percíveis, indignas das minhas atenções e do meu coração. Procurei a beleza e a descobri; ela fulgura em torno de Vós, como a luz brilha em torno do Seu foco.

Fazei, ó Mãe amantíssima, que só a Vossa beleza me cativa e atraia a minha ternura e o meu afeto.

Que outra conclusão se poderia tirar da contemplação de tantas maravilhas?...

O homem não se deixa guiar senão pelo encanto da beleza. Os próprios contemplativos, os homens de coração generoso, fixam sobretudo a beleza. A razão é que Deus deixou subsistir em nós uma como imagem que Adão pode entrever outrora no paraíso terrestre...

No coração trazemos uma ferida insanável, porque não pode ser curada aqui na terra. Precisamos da beleza, não, porém, dessa beleza vulgar, que não passa de colorido ou brilho que uma criatura mortal possui, mas trata-se de uma beleza que subsiste para sempre.

Precisamos da beleza da alma, da beleza do coração e do espírito, da própria beleza fisionômica, embora santificada e transfigurada pela graça e pelo amor.

Eis por que Deus nos deu Maria, para que por Ela e nEla nos fosse permitido satisfazer este anelo do nosso coração.

Um semblante agradável, traços simpáticos, modos amáveis nos atraem e cativam. Ora, tudo isso temos em Maria, e o temos de um modo inefável.

A doce Virgem se nos oferece com todo o esplendor de Sua virginal pureza e com todo o atrativo de Sua alma iluminada, junto a todo o ardor de Seu coração abrasado.

Ela se nos oferece bela e como a mais amante e mais amável das criaturas, não para nos seduzir, mas para nos conduzir; não para excitar a nossa concupiscência, mas para a extinguir e dominar, cativando deste modo o nosso coração e embelezando-o pela Sua própria beleza, para oferecê-lo a Deus com as Suas mãos tão puras e tão doces, pois o Altíssimo Lhe permite haurir a Seu bel prazer dos Seus tesouros e da Sua misericórdia.

Reflitamos muitas vezes sobre a beleza de Maria e a Sua grandeza enlevará o nosso coração, torná-lo-á fixo e insensível a toda outra beleza.

Ouçamos ainda uma história que se relaciona com o assunto. É narrada pelo P. Silvano Razzi e confirmada por Santo Afonso de Ligório. (Glorias de Maria: A Assunção)

"Tendo ouvido falar sobre a beleza de Maria, um religioso que muito a amava desejava ardentemente vê-la pelo menos uma vez. Pediu-lhe humildemente esta graça e a bondosa Mãe mandou-lhe um anjo para que lhe dissesse que seria satisfeito o seu pedido, com esta condição, porém, que, depois de tê-la visto, ficaria cego.

Por essa causa apareceu-lhe a bem-aventurada Virgem um dia. E ele, para não perder os dois olhos, quis a princípio contemplá-la com um só olho. Mas, em breve, encantado pela grande beleza de Maria, abriu o outro olho para contemplá-la melhor, e, neste momento, desapareceu a Mãe de Deus.

Desde este dia, não continuando mais a ver a Sua amável Rainha, ele ficou tão aflito, que não parava mais de chorar, não por ter perdido um dos seus olhos, mas por não ter podido ver a Santíssima Virgem com os dois olhos.

Por isso, suplicou-lhe que se lhe mostrasse novamente outra vez, consentindo de boa vontade perder ainda o olho que ficara: "*Ó Maria, Lhe dizia ele, serei feliz e contentar-me-ei se ficar cego por uma razão tão sublime, pois amarei então somente a Vós e a Vossa beleza*".

Enfim, Maria quis consolá-lo novamente e lhe apareceu pela segunda vez. Mas, como esta boa Mãe não faz mal a ninguém, em vez de privá-lo inteiramente da vista restituiu-lhe o olho que antes ele havia perdido".

E vós, ó filho, mui piedoso de Maria, não tendo talvez a felicidade de contemplar com os olhos corporais a fisionomia de Vossa doce Mãe,contemplai-A ao menos e muitas vezes com os olhos de Vossa alma.

E a Sua imagem bendita sobre pairará ante o vosso espírito e vossa imaginação, como um ideal, com um farol, para guiar-nos na senda do dever, da dedicação e do amor.

Sim, ó Virgem imaculada, subi cada vez mais alto nos espíritos e nos corações, a fim de que todos Vos contemplem e Vos admirem.

Elevai-vos sempre mais, para que todos Vos percebam e para que possam as Vossas mãos espargir em número maior e mais eficaz as graças de perdão e de misericórdia.

E se, deste modo, já A contemplamos aqui na terra, contemplá-IA-emos lá no céu, na plenitude de Sua glória, na perfeição de Sua beleza moral e física, com todo o atrativo que pode ser exercido por uma criatura de escol, no auge do poder, da grandeza e da beleza.

Vê-IA-emos no esplendor incomparável que Lhe comunica a Sua beleza sem par, e a Sua divina maternidade.

Vê-IA-emos com o coração a palpitar de alegrias desconhecidas na terra, com todo o Seu ser beatificado pela possessão íntima do Seu Bem-Amado.

Vê-IA-emos mais bela do que já a anteviu Isaías, quando o véu do futuro foi elevado ante o seu olhar profético; mais radiante do que a contemplou o apóstolo de Patmos; mais divina do que apareceu durante a Sua vida terrestre; do que a contemplou aquele bispo (Nota de rodapé: São Dionísio Areopagita) que veio vê-IA a Jerusalém e foi como que impelido a cair de joelhos ante aquela que Lhe apareceu a encarnação dos esplendores da divindade.

Vê-IA-emos mil vezes mais perfeita do que A representam os artistas em suas telas.

Cansados de corrigir continuamente as suas pinturas, desesperando a bem dizer de realizar perfeitamente o seu ideal, eles põem a cabeça entre as mãos, respondendo ao entusiasmo da multidão maravilhada: *"Ah! que diríeis vós, se A vísseis como a vejo!"*

Sim, ó nobres gênios, vós A contemplastes belíssima em vossos sonhos, esta visão vos servia de inspiração e guia.

Mas esta imagem nada mais é que o resultado de vossa criação humana. E que diríeis, se A vísseis tal qual A veremos um dia, obra-prima viva, em que tão pródiga e afetuosíssima se manifesta a sabedoria de Deus!...

Contemplá-IA-emos mais radiosa e sorridente do que Se mostrou aos olhos ainda demais terrestres de Bernadete.

Entretanto, era bela a Virgem imaculada, tendo no olhar um amor indizível, nos lábios um sorriso virginal a iluminá-los, tornando-A uma inefável aurora, de suaves esplendores. Bela, com a Sua túnica de lírio alvura que eclipsava o anil celeste do mais belo dia; tão bela que um dos raios caídos sobre a vidente bastou para transformar a humilde camponesa, e o reflexo da Sua beleza, iluminando a fronte de Bernadete, fazia passar através da multidão de espectadores uma aspiração de ideal, suspendia a

respiração em milhares de peitos e fazia com que a mãe da vidente dissesse, entre soluços, que não mais reconhecia a sua filha.

Oh! como era bela a Virgem e, entretanto, no céu, não devemos mais atender à fraqueza de nossos órgãos então deificados, a Virgem nos aparecerá mais radiosa ainda na grandiosa luz da eternidade, porque nossas faculdades será dotadas de energias divinas, estando já a gozar da glória.

E nos aproximaremos dEla, como dEla aqui na terra se aproximava Bernadete.

E o Seu olhar amado envolver-nos-á de virginal e maternal amor.

A Sua bendita voz encantar os nossos ouvidos (P.Anizan: Para Ela). O Seu coração haverá de aquecer-nos com o Seu amor e o Seu esplendor há de deslumbrar-nos e encantar-nos por toda a eternidade.

Ó Maria, bela e doce Virgem Maria, fazei que não vivamos mais senão em Vós e para Vós.